

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Bianca Cristina Rodrigo Martins

**MÚSICA E RELAÇÕES DE GÊNERO:
UMA VISÃO DA JUVENTUDE PORTO-ALEGRENSE SOBRE OS ESTEREÓTIPOS DE
GÊNERO EM SUAS *PLAYLISTS***

**PORTO ALEGRE
2021**

BIANCA CRISTINA RODRIGO MARTINS

MÚSICA E RELAÇÕES DE GÊNERO:
UMA VISÃO DA JUVENTUDE PORTO-ALEGRENSE SOBRE OS ESTEREÓTIPOS DE
GÊNERO EM SUAS *PLAYLISTS*

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Rosimeri Aquino da Silva

**Porto Alegre
2021**

DEDICATÓRIA

Em um momento tão pesado e conflituoso vivido pela nação, o simples fato de poder escrever já é digno de toda a gratidão do mundo. Por maiores percalços que tenham tido até este instante, ele aqui está. Assim, agradeço em primeiro lugar à minha mãe, que sustentou uma carga enorme para que a minha pudesse ser mais leve; que foi mãe, pai e tudo o que há de bom. Nem sempre eu fui a filha que sonhei ser, mas pensando nela eu sempre tento me esforçar um pouco mais.

Aos meus tios, Roni, Ronaldo e Celina, por terem me dado todo tipo de apoio que se pode receber, do moral ao financeiro, sem nunca pedir nada em troca.

À minha mais irmã do que prima, Ariadne. A quem eu espero ter contribuído positivamente na criação e que, hoje, me inspira em trabalhos como este.

Aos meus avós, Ivonne e Ney, por tentarem fazer de mim alguém interessada nos estudos e me incentivarem a isso desde antes mesmo de eu aprender a ler (inclusive, perdão por ainda ter uma caligrafia tão horrível, mesmo após tanto treino, vô)!

Aos amigos, colegas e professores desde tempos imemoriais de 2002, que pelo bem ou pelo mal, me motivaram a continuar. Bem como à minha primeira-quase orientadora, que me fez enxergar uma luz no fim do túnel durante os estágios, e à minha atual-de-fato-orientadora, que me acolheu em meio a tanta incerteza.

Às inúmeras noites sem dormir ouvindo música e lendo artigos, contos e assistindo filmes que me influenciaram a ver na arte uma forma de expressão humana e social.

Também, a todos os bichinhos que fizeram minha vida mais amável e menos miserável no tempo em que estiveram comigo, sobretudo à Lady Madonna, esteja onde estiver.

E, finalmente, porque me tomaria demais o emocional começar por aqui: À Camila Beatriz, que me deixa sem palavras e, ao mesmo tempo, me faz querer dizer as mais belas coisas do mundo. Que me achou quando eu mesma tinha me perdido, e que me fez querer ser boa, grande e feliz pra que ela soubesse que ser mulher não deveria ser impedimento em nada disso. Ah! E ao Ricardo, que é 50% responsável por esta obra e tudo que advém dela.

A todos, meu muitíssimo obrigado.

*And I think it's gonna be a long, long, time
'Til touchdown brings me 'round again to find
I'm not the man they think I am at home
Ah, no no no...
I'm a rocket man
Rocket man
Burnin' out his fuse up here alone*

*Mars ain't the kind of place to raise your kids
In fact, it's cold as hell
And there's no one there to raise them
If you did*

*And all this science
I don't understand
It's just my job
Five days a week
A rocket man
Rocket man*

Elton John

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as relações de gênero presentes nas músicas ouvidas por um determinado grupo da juventude porto-alegrense, formado por estudantes do Ensino Médio na disciplina de Sociologia. São consideradas as perspectivas, imaginário e práticas dos próprios jovens, tendo em vista que as músicas ouvidas são parte dos agentes socializadores mais presentes nas suas rotinas.

A música atua como um marcador para identificar as formas como questões relacionadas ao machismo, à desigualdade de gênero, à violência doméstica e ao feminicídio são vistas, pensadas, significadas e interpretadas por esses jovens através das narrativas musicais em seu cotidiano.

Palavras-chave: música; gênero; juventude

ABSTRACT

The goal of this work is to analyze the gender relations in the songs played by a certain group of young adults in Porto Alegre, formed by high school students of Sociology. Their perspectives, imaginations and practices are considered, bearing in mind that these songs are part of the main agents of socialization.

Music sheds light to the ways issues such as male chauvinism, gender inequality, domestic violence, and femicide are seen, thought, meant, and interpreted through musical narratives in their daily lives.

Keywords: music; gender; young adults

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Redação "A" sobre Jesus Chorou
- Figura 2 – Redação "A" sobre Jesus Chorou
- Figura 3 – Redação "B" sobre Jesus Chorou
- Figura 4 – Redação "B" sobre Jesus Chorou
- Figura 5 – Conjunto de Questões "A" sobre Estilo Cachorro
- Figura 6 – Conjunto de Questões "A" sobre Estilo Cachorro
- Figura 7 – Conjunto de questões "A" sobre Estilo Cachorro
- Figura 8 – Conjunto de Questões "B" sobre Estilo Cachorro
- Figura 9 – Conjuntos de Questões "C" sobre Estilo Cachorro
- Figura 10 – Conjunto de Questões "D" sobre Estilo Cachorro
- Figura 11 - Conjunto de Questões "E" sobre Estilo Cachorro
- Figura 12 – Conjunto de Questões "F" sobre Estilo Cachorro
- Figura 13 – Conjunto de Questões "A" sobre 100% Feminista
- Figura 14 – Conjunto de Questões "A" sobre 100% Feminista
- Figura 15 – Conjunto de Questões "B" sobre 100% Feminista
- Figura 16 – Conjunto de Questões "B" sobre 100% Feminista
- Figura 17 – Conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista
- Figura 18 - Conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista
- Figura 19 - Conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista
- Figura 20 - Conjunto de Questões "D" sobre 100% Feminista
- Figura 21 - Conjunto de Questões "D" sobre 100% Feminista
- Figura 22 - Conjunto de Questões "E" sobre 100% Feminista
- Figura 23 – Conjunto de Questões "F" sobre 100% Feminista
- Figura 24 – Conjunto de Questões "F" sobre 100% Feminista
- Figura 25 – Conjunto de Questões "G" sobre 100% Feminista
- Figura 26 – Conjunto de Questões "H" sobre 100% Feminista
- Figura 27 – Conjunto de Questões "I" sobre 100% Feminista
- Figura 28 – Conjunto de Questões "I" sobre 100% Feminista
- Figura 29 - Conjunto de Questões "J" sobre 100% Feminista
- Figura 30 – Conjunto de Questões "J" sobre 100% Feminista
- Figura 31 – Conjunto de Questões "K" sobre 100% Feminista
- Figura 32 – Conjunto de Questões "K" sobre 100% Feminista
- Figura 33 – Conjunto Questões "L" sobre 100% Feminista
- Figura 34 - Conjunto Questões "L" sobre 100% Feminista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DA ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	11
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO FÍSICA E SOCIOCULTURAL DO AMBIENTE ESCOLAR E DE SEUS INDIVÍDUOS.....	12
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO E OBJETIVOS DO PLANO DE AULAS.....	2
2.3 DA CONDUÇÃO E DA EXECUÇÃO DAS AULAS.....	14
3 SOBRE MÚSICA, GÊNERO E ENSINO	17
3.1 POR QUE MÚSICA?.....	17
3.2 POR QUE GÊNERO?.....	20
3.3 ONDE A MÚSICA E O GÊNERO ENCONTRAM O ENSINO.....	22
4 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES.....	23
4.1 ANÁLISES EM GRUPO.....	23
4.2 ANÁLISES INDIVIDUAIS.....	27
5 CONCLUSÃO.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	51
ANEXOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Os desafios impostos à realidade educacional brasileira são inúmeros, desde o mais aparente e superficial até o que diz respeito ao caráter estrutural. Tais desafios distribuem-se assimetricamente pelas disciplinas da educação básica, considerando as peculiaridades de cada área.

Uma das partes mais complexas e abrangentes do trabalho docente contempla a articulação e a adaptação do conteúdo teórico. Tão importante quanto “o que ensinar?”, é a presença de uma constante vigilância e indagação sobre “como” fazê-lo. Por quais meios é possível fazer o conhecimento formal atingir a atenção e a compreensão de nosso público?

Em minhas primeiras experiências durante o período de estágio obrigatório, apesar de manter meus próprios interesses em termos de pesquisa, compreendi que era imprescindível que eu chegasse aberta ao que a escola me propusesse através dessa experiência. Compreendi que precisava me atentar ao público com o qual desenvolveria meu trabalho. Também precisava buscar coerência entre o contexto de execução das aulas, as interações prévias dos estudantes com a disciplina e as possíveis relações dela com suas trajetórias individuais.

Ao tratar da disciplina de sociologia no ensino médio, sua tradição traz bem mais “lacunas” do que contribuições considerando, como um dos apontamentos mais relevantes, suas idas e vindas do currículo da escola básica através das décadas. Grande parte dos alunos ainda não teve contato com ela de forma direta (seja dentro ou fora da escola). Em muitas ocasiões, ela é reconhecida como a notória “aula em que damos nossa opinião”, sendo ministrada por professores que carecem de formação na área. Desta forma, este “como” (ou seja, as formas empregadas no processo de ensino) coloca-se como dilema central à prática.

De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais:

Entende-se que esse duplo papel da Sociologia como ciência – desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais – pode ser traduzido na escola básica por recortes, a que se dá o nome

de disciplina escolar. Sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da ciência Sociologia não coincidem com os da disciplina Sociologia, por isso falamos em tradução e recortes. Deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo (OCN, 2006, p. 107).

Tais diretrizes de ensino são baseadas nos recursos epistemológicos de desnaturalização e estranhamento. Estimulam também o desenvolvimento de aulas que considerem formas e conteúdos de acordo com o público-alvo: em suas experiências, vivências e saberes anteriores.

A partir disso, vislumbram-se os primeiros passos para uma possível formulação deste “como fazer?” anteriormente citado: a produção de recursos pedagógicos que estimulem o pensar sociológico, partindo desse estranhamento às práticas cotidianas (imagens e representações da cultura que os cercam e os envolvem). De questionamentos em torno daquilo que, ao primeiro olhar, parecem “naturais”, como se ocupassem o mesmo espaço e significado desde tempos imemoriais.

A pauta de gênero e diversidade sexual têm encontrado clara efervescência ao longo do séc. XX, com um número razoavelmente perceptível de estudos surgindo sob sua ótica desde então. Entretanto, ainda que sua incursão à arena política não possa ser ignorada, há uma urgência em tais agendas ao considerarmos nosso contexto político e institucional, bem como suas influências perante a sociedade. Se, em algum momento foi possível supor tais pautas como algo dado, já muitíssimo discutido e explorado, a escalada conservadora encarada pelo Brasil desde a metade da década passada derruba tal pensamento e traz consigo um lembrete: como discussões e reflexões que promovam quebras e discontinuidades ao pensar e agir tradicional serão “por natureza” um objeto de constante de conflito; que avanços e progressos sociais podem regredir (ou serem caçados de pouco a pouco até quase extinguirem-se) em termos institucionais e sociais, pois estes formam-se e revestem-se por e para o exercício do poder e as disputas em torno dele.

No que diz respeito à música, creio que poucas formas de arte sustentem tamanha plasticidade e capacidade de incorporação tão potentes, manifestas em

suas infinitas formas, sendo, ao mesmo tempo, demarcadores sociais e elementos capazes de subversão. Algo que dá corpo a conotações sagradas e mundanas, através do tempo e atravessando diferentes sociedades.

Em um recorte mais específico do que tratamos aqui, durante minhas passagens pela escola básica durante a graduação, senti a onipresença da música: em meios oficiais (apresentações infantis que mobilizam escola, alunos e família, em trabalhos escritos dos alunos mais velhos, em projetos culturais do contra turno, em decorações e ornamentos dispostos pelos pátios e salas de aula), mas também de forma marginal (em fones devidamente cobertos para os alunos durante aulas, em pichações de salas, banheiros e muros, em caixas de som ou cantadas em meio a grupos reunidos em horários de entrada, intervalo e saída). Considerando a música como um registro de ideias e práticas sociais que explicitam relações de poder (exercitadas, reproduzidas e, até mesmo produzidas através do universo musical), ressalta-se seu uso enquanto ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de uma perspectiva que evidencie os aspectos da construção social de gênero que a atravessa.

Este trabalho objetiva, por meio das produções textuais e orais de jovens do ensino médio de uma escola pública porto-alegrense, compreender como as relações de gênero figuram nas músicas ouvidas por eles e quais os desdobramentos disso na sua compreensão do mundo social.

2 DA ABORDAGEM METODOLÓGICA

De modo geral, este trabalho divide-se em duas etapas: em primeiro lugar, o registro da pesquisa bibliográfica que fundamentou a formulação do plano de aulas, sua metodologia e conteúdos, o que aqui consta para fins explicativos. Tal etapa teve sua execução e finalização durante o segundo semestre de estágio docente.

A segunda parte trata do exercício de análise de tudo aquilo que foi sintetizado e exposto pelos alunos em suas produções, o que fez necessária a adição de novos

elementos e dá corpo a este trabalho em si, trazendo também um alargamento bibliográfico da primeira parte.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO FÍSICA E SOCIOCULTURAL DO AMBIENTE ESCOLAR E DE SEUS INDIVÍDUOS

A escola está localizada no bairro Santa Cecília. A maioria dos alunos são moradores de bairros periféricos das zonas norte e leste de Porto Alegre (Mário Quintana, Bom Jesus...). As turmas têm em torno de 12 a 20 alunos, contando com um espaço físico considerável para acomodá-los. A escola conta com biblioteca, laboratório de informática, pátio e refeitório.

Em mais de uma oportunidade durante meu período de observação prévia ao estágio, pude presenciar impasses entre alunos que se destacavam pela intolerância a determinadas características que fugiam ao comportamento heteronormativo. Na mais notável delas, dois alunos entraram em conflito após um deles iniciar uma sequência de comentários sobre a voz do colega que seria “fina demais para um homem”, acrescentando ainda que, nem mesmo ele, que era assumidamente homossexual, teria tanto “jeito de mulherzinha”. Houve também o caso de uma aluna que foi alvo de um boato surgido na escola de que estaria “se oferecido para ir a um motel com colega x” e que, mesmo sendo maior de idade, tal fato gerou muitos conflitos e discussões dentro da escola envolvendo alunos e, não surpreendentemente, professores, causando o abandono temporário da jovem às aulas, sua ida para tratamento psicológico e a ida da família à escola para tentar encontrar alternativas para que concluísse o ano sem precisar voltar para esta situação, onde teria ficado com a “fama” de “vadia”.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO E OBJETIVOS DO PLANO DE AULAS

Este referencial bibliográfico teve por função guiar as aulas que foram executadas em caráter obrigatório como requisito parcial à obtenção de aprovação na disciplina Estágio II do curso de Ciências Sociais. Tais aulas aconteceram durante o período de

setembro a novembro de 2019, no turno da noite, às quartas e sextas-feiras (embora às vezes eu fosse convidada a ocupar períodos vagos, “subir períodos” e práticas similares). O fluxo de alunos oscilava entre 10 – 20 indivíduos em cada turma (dependendo do momento do mês, muitos ficavam sem passagens para frequentar as aulas, entre outras questões).

A temática foi fixada no âmbito das relações de gênero e seus desdobramentos.

A revisão teórica inicial é baseada nas literaturas de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1900-1986), e *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu (1930-2002). A escolha de tais obras e autores tinha, por ambição, o estudo da divisão binária do ser humano entre criaturas com uma “natureza intrinsecamente acordada com seu sexo”, e sua problematização considerando a construção de papéis sociais empregados em esconder a arbitrariedade de tais determinações; e a promoção de debates que oportunizem o reconhecimento dos processos constitutivos e as formas assumidas pelas relações de gênero, considerando-as não apenas um fruto de diferenças biológicas e naturais, mas sim uma construção social dotada de origem social e política. Foram consideradas a obra de Beauvoir enquanto um exercício existencialista de análise do feminino em relação a mitos e teorias anteriormente propostas e a obra de Bourdieu como um autor que elabora colocações no que diz respeito à dimensão simbólica da dominação de gênero, que se impõe enquanto legítima forma de obscurecer as relações de poder desiguais existentes na sociedade (muito embora ele não trabalhe com o conceito de “gênero” propriamente dito).

Existe ainda a preocupação em propor o desenvolvimento de debates. Nessas oportunidades, é necessário manter clara a necessidade de uma argumentação pautada por dados objetivos, que não seja alimentada pelo simples emprego de achismos, assim como o incentivo ao incremento da interpretação de texto. Interessante ressaltar o quanto essa parcela do trabalho beira quase que um experimentalismo da parte discente, sendo que alguns alunos têm sérios comprometimentos no tocante à interpretação e desenvolvimento da escrita. E, nesses casos, é ainda mais central o incentivo à produção textual do aluno: fazer com que ele possa superar sua própria expectativa, tentando elaborar não o “melhor de todos os trabalhos”, mas sim o melhor do qual é capaz, em

uma superação de suas próprias fronteiras, o que não se define puro e simplesmente por um viés competitivo.

Entretanto, enfatizo aqui, também, a importância de formulações avaliativas que compreendam mais de uma forma de expressão, como apresentações orais, manifestações ilustrativas como desenhos ou pinturas. A pluralidade das capacidades humanas de se fazer entender, comunicar e compreender necessita ser não só reconhecida, mas também explorada e incorporada aos quesitos avaliativos. Diante de uma realidade em que o discente pode e deve estimular práticas que são canônicas ao ensino como o visualizamos e diante das atuais bases educativas, mas também tem diante de si alternativas vistas como de menor importância à forma dominante de ensino-aprendizado. Formas essas que contribuem para a formação de um indivíduo com uma visão subjetiva ampliada, de forma menos bancária. Em “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1970), nos é introduzido o conceito de “concepção bancária”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1970, p. 33.)

Outro quesito de forte impacto é a presença de autores e conceitos caros à sociologia enquanto disciplina acadêmica. É indissociável de sua matriz que, por mais que não se esteja focando na formação de “pequenos sociólogos”, a matéria apresentada aos alunos do ensino médio é capaz de propiciar não só os significados mínimos do que as ciências sociais representam e produzem enquanto área de estudo, mas também um espaço privilegiado de contato com autores da sociologia (neste caso, especificamente, Bourdieu); com os princípios epistemológicos básicos de estranhamento e desnaturalização frente aos conteúdos expostos, conduzindo para o entendimento das relações de gênero enquanto construções sociais.

2.3 DA CONDUÇÃO E EXECUÇÃO DAS AULAS

O primeiro encontro em ambas as turmas teve a intenção de introduzir a disciplina, apresentando o programa de aulas (dando ênfase ao tema que seria trabalhado), traçando combinações e acolhendo contribuições diversas dos alunos quanto aos rumos possíveis às nossas aulas. Buscando explorar possibilidades horizontais de construir nossos encontros, como proposta inicial de participação, os alunos foram convidados a compor a primeira lista de prováveis canções a serem utilizadas em nossas avaliações. A partir dela, escolhemos de duas a quatro músicas (com pertinência em relação ao tema discutido) para realizar nosso trabalho. Após exposição programada, a turma foi disposta em círculo para uma apresentação individual, onde eram convidados a responder às seguintes questões:

- Diga algo que você gostou/achou interessante e que foi apresentado a você em uma aula de sociologia e o porquê de ter gostado;
- Algo que você tenha o interesse de ver/aprender e que acredita que se conecta às aulas de sociologia.

Já em nosso segundo encontro, a proposta era incorporar o conceito de “gênero” enquanto uma construção social tendo por objetivo discutir a percepção dos alunos sobre os papéis sociais performados por homens e mulheres.

A dinâmica consistiu em: demonstrar as diferenças entre o masculino e o feminino segundo o olhar de cada um, pedindo que os alunos escrevessem em uma folha, individualmente e de acordo com o gênero ao qual se identificam, aquilo que enxergavam como “bom” ou “ruim” em seu gênero. A ideia era deslocar parte dos aspectos naturalizados que fossem levantados (a partir das colocações, que seriam depositadas anonimamente em uma caixa e depois lidas para discussão em grupo) questionamentos sobre os processos sociopolíticos e as estruturas sociais que produzem e reproduzem conceitos de gênero e sua condição normativa.

Visando dar continuidade aos fundamentos de desnaturalização, compreender pontos de distinção entre “diferença” e “desigualdade”. Para tal, assistimos ao documentário “Absorvendo o Tabu”. O filme trata sobre as limitações impostas pelo trato que a mulher recebe em sociedade (neste caso, em específico, sobre a menstruação na Índia, o que não deixa de ser relevante ao Brasil, onde uma pesquisa encomendada pela

marca Always destacou que 1 a cada 4 meninas já precisou faltar a aulas por não ter recursos para adquirir absorventes higiênicos). Após breve discussão sobre o documentário, a provocação deixada foi a realização de uma pesquisa *online* com a seguinte premissa:

“De acordo com o que é retratado no filme assistido, ficamos a par de alguns dos impasses e dificuldades encontrados pelas mulheres e meninas na Índia. E no Brasil, quais seriam eles? E para os homens? Escolha um e traga para a próxima aula.”

O quarto encontro esteve focado em compreender a violência simbólica empreendida na construção social de gênero. Partindo da socialização da pesquisa que os alunos tiveram como dever de casa na aula anterior, discutimos os itens encontrados, interligando estes à apresentação do conceito de violência simbólica e sua atuação no que toca às relações de gênero. Ao final da aula, os alunos foram lembrados de que o próximo encontro seria a análise individual das músicas que escolhemos para trabalhar na primeira aula.

Até aqui, a avaliação do rendimento dos alunos era medida através de sua colaboração, participação e engajamento à proposta.

Nessa primeira experiência, com a análise do conteúdo das músicas escolhidas (no quinto encontro), os alunos deveriam escrever uma redação a partir da seguinte proposição:

“Cite, acordo com o que estudamos e discutimos em aula, trechos da música que indicam formas, comportamentos e ideias estereotipadas sobre o que é ser “homem” e o que é ser “mulher”. Justifique.”

Ela deveria ser respondida individualmente a partir das canções Jesus Chorou (para o segundo ano) e Estilo Vagabundo (para o terceiro ano), ambas do grupo Racionais Mc's. Fizemos a leitura das questões e da letra juntos e ouvimos também a música (para fim de que a emoção do intérprete fosse transmitida em toda sua essência). Aqui, a prioridade avaliativa foi baseada no reconhecimento dos elementos reprodutores da desigualdade de gênero, bem como os elementos que por si caracterizam homens e mulheres nessas narrativas.

O sexto encontro teve por função a discussão em grupo dos pontos levantados nas produções da aula anterior, priorizando a argumentação oral, interação com colegas

a respeito das opiniões divergentes. Os sétimo e oitavo encontros teriam o mesmo funcionamento, agora com a música “100% Feminista”, onde as questões a serem respondidas eram:

- “A) O que significa ser “feminista”? O que uma pessoa “feminista” defende?
 B) Destaque um trecho que trate um evento ligado à violência simbólica, justifique.
 C) Em um certo ponto da música, é falado sobre a situação da mulher no século XXI. Como é essa situação? Você acha que ela pode ser modificada? Como?”*

O encontro seguinte (nono), preconizou uma apreciação sobre diferentes formas de engajamento artístico e estético de questionamento e denúncia em relação às diferentes formas de violência de gênero. Após uma exposição analítica do quadro “Unos Quantos Piquetitos” de Frida Kahlo e de quatro poemas de diferentes autoras (Cora Coralina, Sylvia Plath, Carolina Maria de Jesus e Emily Dickinson), falamos rapidamente sobre o conceito histórico de criação das autoras e obras, os alunos foram convidados a materializar de forma artística alguma situação social na qual enxerguem a violência motivada por questões de gênero.

Para o encerramento, no décimo encontro, faríamos uma exposição das obras construídas e um fechamento do trimestre refletindo sobre os pontos negativos e positivos da experiência para cada um de nós. Este décimo encontro acabou não acontecendo em função da greve decretada. Entretanto, boa parte dos alunos de ambas as turmas enviou seus trabalhos por aplicativos de mensagem, mesmo diante da insegurança de aquilo gerar ou não acréscimo à nota naquele momento.

3 SOBRE MÚSICA, GÊNERO E ENSINO

3.1 POR QUE MÚSICA?

Em escolas mais periféricas ou centrais, privadas ou públicas, de público infantil ou de jovens adultos, em conversas no recreio e nos corredores, a música sempre se fez presente. Entre alunos, professores, funcionários; nos fones cuidadosamente

“mocosados” (termo utilizado pelos alunos) para não serem descobertos durante a aula, tamborilando dedos ou palmas, e em trabalhos propostos pelos professores, a música estava lá. Mais presente do que qualquer outra forma de arte, expressão ou ativismo, a música rompia e irrompia. E, além de tudo, por ser parte perceptível da cultura de massa, é um agente socializador atravessado por diversas demarcações sociais, incluindo de forma muitíssimo presente as questões de gênero e sexualidade.

Trazendo o desdobramento que trata dos empreendimentos sociais e culturais na produção e reprodução do gênero e de sua instituição enquanto norma e pensando para além das instituições clássicas, o somatório da cultura midiática na qual estamos inseridos que diz muito sobre como devemos ser e o que é esperado de nós, principalmente ao que toca a vivência gênero e sexualidade: ou seja, constitui-se, aqui, um campo que disserta sobre essas demarcações da normatividade no campo da cultura popular. Tal qual coloca Louro (1997):

A linguagem é uma forma perspicaz, persistente e eficaz na produção distinções e das desigualdades: ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, porque ela nos parece, quase sempre muito natural. Sem questionar muitas vezes seguimos regras definidas por livros, pessoas, programas de tv, músicas, poesias, dicionários, e a partir daí fazemos delas expressões consagradas. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (LOURO, 1997, p.65.)

Ainda contemplada em Louro, tratando da construção multifatorial que atua em diversas instâncias da vivência cultural do indivíduo:

Quem tem a primazia nesse processo? Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas? Qualquer resposta cabal e definitiva a tais questões será ingênua e inadequada. A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular?

Importante ressaltar, neste momento, que os marcadores sociais de outras ordens (tal qual a racial e econômica) também são presentes. No entanto, não serão foco das discussões deste trabalho, embora apareçam vez ou outra pelo caráter interseccional que acompanha cada uma dessas questões, representando, na maior parte do tempo, um constante empreendimento sobre normatização e controle dos corpos e dos discursos. Para tanto, considere uma abordagem metodológica que viabilizasse um esforço ao problematizar as práticas e discursos de nosso cotidiano que fosse mais adequado: a análise de letras de música escolhidas pelos próprios alunos. Pois a música não foge ao registro dos padrões normativos de gênero, considerando sua existência no seio da sociedade, e principalmente seu impacto às formações identitárias dos jovens em idade escolar. Considerando a música como ferramenta pedagógica que possibilite o trabalho de mediação pedagógica levando em conta os elementos descritos em parte por Postali (2018), segue:

A musicalidade está entre as expressões culturais mais significativas da humanidade. Isso porque a música, além do ritmo e demais elementos que compõem a sonoridade, pode também apresentar a oralidade, elemento capaz de oferecer um sentido para além do entretenimento, ou seja, em muitos casos, torna-se um suporte para a comunicação humana. (...) Logo, a música, com todo o seu potencial informativo, torna-se um veículo fundamental para a comunicação social, sobretudo a comunicação oriunda do povo, dos grupos marginalizados, cujo acesso aos grandes veículos de comunicação é quase nulo, quando pensado a partir da possibilidade de expressarem suas culturas e/ou ideias sobre as coisas do mundo.

E não me detenho apenas ao aspecto do uso da música como viés problematizador das questões tratadas na aula, mas também à importância de que os estudos sejam realizados a partir de canções trazidas pelo interesse dos próprios alunos. Pois a escola, como um todo, deve ser de grande relevância à reflexão da prática pedagógica pensada a partir das condições culturais daqueles que a frequentam. Condições que, como postula Giroux (1996), são quase totalmente ignoradas pela instituição. Compreendendo ainda as ideias de Giroux (2009) quanto à escola e suas formas de produzir e reproduzir conhecimento, “a natureza modernista da escola pública é evidenciada na recusa dos educadores de incorporar a cultura popular nos currículos” (p.111).

Para tal, exponho a alternativa do uso da música como uma espécie de ponte entre a vivência dos alunos com os conceitos trabalhados em aula, de um item de seu cotidiano que é constitutivo às noções normativas da construção social e de desconstrução do gênero em sala de aula. A partir de Freire, é possível inferir que, no tocante à utilização da realidade dos alunos como artefato passível de análise e crítica para construir a imaginação sociológica, conforme segue:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (...) Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2011, p. 32)

Em síntese, construo este projeto refletindo, ainda em Freire, a hipótese de executá-lo enquanto oposição à passividade das formulações de ensino bancárias que norteiam os conceitos tradicionais da relação ao ensino-aprendizagem; fazer dos itens culturais que já são dominados pelo alunos e dos saberes que os acompanham por oportunidade da vida um recurso pedagógico, pensando o saber enquanto uma construção coletiva e cumulativa, deslocando parcialmente um lugar que, em geral, é ocupado pela cultura dominante.

Isso, obviamente, sem ocultar o objetivo de desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, da transmissão de saberes e leituras (que possibilitarão a revisão das letras musicais) que os alunos não encontrariam em outros espaços. Fazendo isso de forma a tomar proveito de o aluno ser muito mais facilmente trazido para o trabalho em sala de aula quando abordamos aspectos que já lhes eram anteriormente tópicos de atenção e importância, afinal, o professor depende desse interesse e seu consequente engajamento.

3.2 POR QUE GÊNERO?

Durante a etapa final do curso de licenciatura em Ciências Sociais, fica cada vez mais palpável a necessidade objetiva de pautar os planejamentos e execuções do período docente majoritariamente, não pelas ambições pessoais que carregamos enquanto estudante, mas sim percepção, apropriação e pleno desenvolvimento dos questionamentos daqueles que nos servem de audiência, tanto em nossa relação de professor diante de nossos alunos, quanto na qualidade de intelectuais frente à sociedade.

Impossível ignorar a nossa localização no tempo e no espaço: é um privilégio existir em um período em que tantas discussões abarcadas classicamente pela sociologia tornam-se de conhecimento do cidadão médio, com um vocabulário que se amplia a cada compartilhamento e a cada “curtida” em qualquer rede social (que fala de “apropriação cultural”, de “desconstrução”, de “revisionismo histórico”). No entanto, é também notável a gritante dificuldade que interpela as ciências sociais, considerando a má apropriação de seus conceitos, teorias e autores. Tão logo isso se dá como fato, o questionamento mais lógico não pode ser outro que não: existe algum proveito a ser extraído disso? E, se sim, qual? E ainda mais: como operá-lo? Como retirar as estereótipias do debate e trazê-lo para um campo que privilegie a ampliação do acesso à informação e do espaço democrático?

Pensemos a escola enquanto tradicional espaço de formação intelectual e social, de opressão (mas também de resistência!) e onde sujeitos com diferentes recortes sociais irão coexistir. Partindo desses próprios conflitos, somam-se as possibilidades da forja de estratégias de ação que pensem processos sociais mais inclusivos: dentre elas, é o espaço pedagógico, em sala de aula, atravessando as diversas disciplinas, que pode expor a precariedade de muitas das instâncias do Brasil de 2019, não como força do acaso, mas como um regime político da vida com causalidade histórica e social.

Observando os temas “à ordem do dia” dentre avanços e retrocessos sociais, é nítida a dicotomia acerca das discussões e debates sobre relações de gênero e sexualidade em geral. O viés religioso e moralizante encobre e nubla as discussões em esferas públicas pouco especializadas sobre o assunto. Se, legalmente, a Constituição Federal prevê em seu Art. 3º como objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil a promoção "do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e

quaisquer outras formas de discriminação"; o Art. 5º traz a conhecida afirmação de que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza" que afirma expressamente a igualdade entre homens e mulheres como preceito constitucional; o Art. 205 da Constituição, afirma que a "educação é direito de todos e dever do Estado e da família" e que será "promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"; e, por último, em seu Art. 206, a Carta dispõe que o ensino será ministrado, dentre outros, com base nos princípios da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar e do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. Sendo esses aspectos anteriormente aprofundados não só no ECA, mas na LDB influenciando ainda às definições do PNE.

A partir de 2015, assistimos a um sucessivo esvaziamento dessas leis e documentos ligados à educação quanto aos termos e definições que abordam gênero e sexualidade. Esvaziamento este oriundo de mobilizações políticas que visam expor a escola e a educação como forças que tentam rivalizar-se com a família e a religião na totalidade da formação dos indivíduos. Oculta-se, aí, a faceta da escola enquanto ferramenta que pode tanto servir ao exercício da cidadania quanto ao da opressão e ao discurso de ódio.

A anulação da visibilidade do gênero na escola e na educação abala não somente uma parte considerável do que viabiliza a compreensão estrutural do mundo social, mas dilui e abafa questões práticas diretamente ligadas a ela e que compõem fenômenos que povoam a vida contemporânea. Por exemplo, a violência sofrida por mulheres e sujeitos LGBTQ+ em geral, considerando que a condição de gênero é a categoria de análise central para a compreensão de sua dinâmica, tanto no âmbito dos oprimidos quanto dos opressores.

A sociologia, principalmente sob o prisma do feminismo, tem em seu interior a potencialidade de influir na desconstrução desses padrões de reprodução das relações de poder, problematizando e expondo, por um viés crítico, as mazelas de gênero, cor/raça, classe social e suas condições historicamente constituídas na sociedade.

3.3 ONDE A MÚSICA E O GÊNERO ENCONTRAM O ENSINO

Tendo por alvo desvelar aspectos relacionados à construção social do “feminino” e do “masculino” durante as aulas de sociologia com a música por ferramenta, alguns questionamentos se impõem: como a construção social do gênero se insere nesse objeto? Como ele é percebido pelos estudantes? Que lugar isso ocupa em suas vidas e que tipo de influência propicia?

Utilizando a seguinte proposição de Scott sobre a pauta (1998) de que “gênero é a organização social da diferença sexual”, “ele não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais”. Ainda, “a diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos” (SCOTT, 1998, p.115).

A desconstrução da aparente naturalidade (na verdade naturalização) dos aspectos binários do gênero demonstram toda a violência implicada na sua reprodução e perpetuação.

Durante o trabalho em sala de aula, o percurso possibilitou apontamentos dos alunos, o que propiciou uma análise crítica de tais elementos; esse esquema implicou na participação do grupo como agente ativo na construção do conhecimento e reconhecimento de sua própria realidade, mediante as questões propostas, após adquirir as ferramentas necessárias à sua problematização. Um método de pesquisa que gera em si mesmo uma forma de investigação que instiga o processo ativo dos envolvidos e pesquisados, conscientizando, organizando e mobilizando em prol do tema em questão, bem como seu envolvimento no desenvolver teórico e metodológico da pesquisa.

A forma deste estudo se destaca, em sua escolha, por construir uma alternativa de democratização do saber sociológico enquanto prática de educação libertadora. Ela aplica um determinado recurso pedagógico visando à reflexão crítica em dois momentos e em duas esferas: sobre os fatos e indivíduos pesquisados em relação à elaboração teórica que puderam ser apropriados durante o período letivo-escolar, e que a eles é

retornado enquanto uma transformação de seu status anterior em relação ao tema; e da professora-pesquisadora quanto à relevância do formato pedagógico adotado para a avaliação.

4 ANÁLISES

4.1 ANÁLISES EM GRUPO

O conjunto de análises aqui exposto buscou desenvolver uma experiência pedagógica que usasse a música enquanto ferramenta reflexiva capaz de mobilizar os envolvidos à discussão dos conceitos em torno do tema proposto.

Como já citado, as análises foram realizadas, primeiro, em esfera individual e, depois, discutidas em grupo com cada uma das duas turmas. Cada turma analisou duas músicas (na verdade, curiosamente, uma das faixas foi escolhida por ambas, mas sem que isso influísse em sua apresentação ou avaliação posterior.

A turma de segundo ano escolheu “Jesus Chorou” do grupo de rap nacional Racionais Mc’s, e “100% Feminista” da rapper Karol Konká em colaboração com a funkeira Mc Carol. Curiosamente, o terceiro ano escolheu também a mesma faixa de Karol Konká, e uma outra dos Racionais, “Estilo Cachorro”.

Essa escolha se deu no primeiro encontro, onde, primeiro, um levantamento formou uma lista de, aproximadamente, vinte canções (com cada um dos presentes indicando uma música que ouvisse com frequência na época). Essa lista foi colocada em votação, pedindo que fosse considerado pensar em votar em faixas que tratassem sobre os significados que “ser homem” e “ser mulher” ocupam em nossa sociedade. Um comentário interessante à análise foi feito naquele momento, quando os alunos do segundo ano relataram certa preocupação em falar em um primeiro momento, alegando que boa parte das coisas que ouviam eram (em seus próprios termos) “bobajada” ou “bagaceirice”. Logo, eles incentivaram que eu colocasse em votação alguns “clássicos”, como a banda Legião Urbana ou a intérprete Elis Regina. Eu disse que isso não necessariamente deveria passar pelo filtro deles, que eu não pretendia julgar se o que

eles ouvem é “bom”, “ruim” ou “explícito” demais. Mas que, se eles ouvissem esses artistas, tudo bem. Nenhum dos presentes soube indicar uma música cantada por Elis, e a única música do grupo Legião que sabiam o nome era “Pais e Filhos”, que foi colocada à votação. Eu reiterei que o teor da música, contanto que relacionado ao tema, não era relevante. Que não havia problema que existissem palavrões. Ainda assim, eles pareceram receosos e indicaram que boa parte do que consumiam não era importante pela letra, e sim pelo som. Que, em muitos momentos, o próprio significado não era relevante, e sim a batida.

Interessante perceber que, durante a roda de discussão, o confronto de ideias oportunizou o surgimento de termos, conceitos e correlações que não eram encontrados nos exercícios individuais. Há de ressaltar o fato de que alguns alunos ausentes no primeiro dia compareceram ao segundo e vice versa (sendo que aqueles que perderam o dia original do primeiro exercício o realizaram como atividade de recuperação em outras aulas).

Ao discutirmos sobre a música 100% Feminista, o debate sobre a constante presença e perpetuação do machismo no lar e em outras instituições sociais (trabalho, igreja, etc) acabou residindo em ambas as turmas. Uma das meninas do segundo ano relatou o quão comum é para ela e outras garotas de sua idade serem importunadas em seus locais de trabalho e estágio, sobretudo por homens mais velhos (na maior parte do tempo na condição de clientes) e sobre como mencionar isso a um superior ou supervisor é, no melhor dos casos, encarado como algo a se deixar pra lá porque “homens são assim mesmo” ou “as coisas são assim desde que o mundo é mundo”. Outra menina, com uma fala um tanto mais politizada, discordou da colega. Ela disse que esse tipo de coisa era inadmissível, e que ela devia sim buscar formas de fazer com que homens que assediam ela e outras meninas sejam punidos. Um pequeno conflito entre as duas surgiu, pois a primeira tomou esse comentário como uma forma de ofensa, dizendo que não tinha escolha a não ser se calar, porque precisava do emprego e, se ela reclamasse, era ela quem perderia o lugar, e não o assediador. Interferi acrescentando que as duas expuseram diferentes faces de um mesmo problema, pois certamente a primeira garota concordava que esses atos eram inadmissíveis, bem como a segunda conseguia

compreender as razões financeiras que levavam a colega a ficar calada diante de um abuso, mas que queria que ela pudesse se livrar disso.

Ao retomar as questões em torno da figura masculina, alguns questionaram sobre como a mesma situação seria vivenciada por meninos e homens. A pesquisa apontou que, mesmo que ocorram esses tipos de assédio também com homens, a maioria dos casos que ocorrem no dia a dia são com mulheres e meninas. Quando ocorrem com homens, é também possível que ocorra um número baixo de notificações, porque lhes é cobrada uma “virilidade exacerbada”, onde negar qualquer investida sexual faz deles “menos homens”. Introduzi o termo “sexismo”, perguntando se eles viam relação entre ele e as questões que suscitamos. Eles buscaram interpretar como tais discriminações ocorriam, de acordo com o sexo dos envolvidos.

Foi trazida à tona a perspectiva de que nossos corpos são moldados por um sistema que age independente de nossas vontades, de forma tão efetiva e contínua que chega a passar despercebida, a ser lido como “natural”, sem questionamentos, como visto em Bourdieu:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos (BOURDIEU, 1999, p. 18).

Continua o autor:

Os tabus, herança do sistema patriarcalista, marcam fortemente esse tipo de relacionamento, além das diferenças biológicas que envolvem homens e mulheres, e fatores como status de classe, ocupacional e econômico acabam definindo os papéis dos cônjuges. Desta forma, a mulher é vista como ser simbólico cuja função é sustentar este capital simbólico para manter o poder masculino e, contudo, a dominação masculina é estruturada por ambos os sexos (BOURDIEU, 1999)

Em muitos momentos, a discussão passava pela explicitação de que boa parte dos alunos presentes compreendia muito de suas ideias, práticas e comportamentos como influenciados por fundamentos patriarcais, sexistas e até misóginos. Mas, ao mesmo tempo em que existe essa percepção e que ela pode até não ser vista como “justa” e/ou “correta”, é difícil atuar como um dissidente e enfrentar os julgamentos que isso traz

(como ser ridicularizado pelos outros, ser visto como menos homem ou menos mulher). E, naquele instante, ficou perceptível um apontamento dessas questões enquanto fenômeno social de origem histórica e cultural (por meio de frases como “antigamente era mais assim”) e a noção de que alguma forma de progressismo é necessária e benéfica à sociedade. Afinal, discursos desse teor são ainda firmados em muitos espaços, que centralmente serão discutidos aqui, através da música. Tal ato institui uma grande barreira na aceitação de formas de equidade no que diz respeito às questões sexuais, reprodutivas e políticas. Modificar isso impactaria nas formulações de feminino, que existem sempre em opostos complementares ao masculino, denotando uma figura fabricada a partir de “ausências relacionais”: na falta da força (masculina) se chega à fragilidade (feminina), na falta da coragem (masculina) à covardia e medo exacerbado (feminino), enquanto representação de uma humanidade menor, coisificada. Ideia que reside, inclusive, na filosofia clássica de Aristóteles, onde a mulher é citada como “o homem mutilado”.

Outro tópico levantado foi que as diferenças biológicas entre os sexos podem ser uma explicação plausível a coisas como a divisão social do trabalho. Aquele, talvez, tenha sido um dos momentos mais complexos, pois foi de um entendimento bem mais limitado às noções que compreendem as definições que nos são fixadas logo ao nascimento, partindo de diferenças anatômicas rumo à hierarquização social, como argumentado por Bourdieu:

Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. (BOURDIEU, 1999, p. 23).

Especificamente no trabalho com as músicas dos Racionais, as pautas acabaram sendo guiadas para questões como o lugar do homem nisso tudo, enquanto indivíduo ativo, se a ele também é imposto algum tipo de sofrimento. Ou seja, discussões que absorvem diferentes impactos do machismo e na normatividade sobre a sociedade como um todo.

4.2 ANÁLISES INDIVIDUAIS

Sobre a canção "Jesus Chorou":

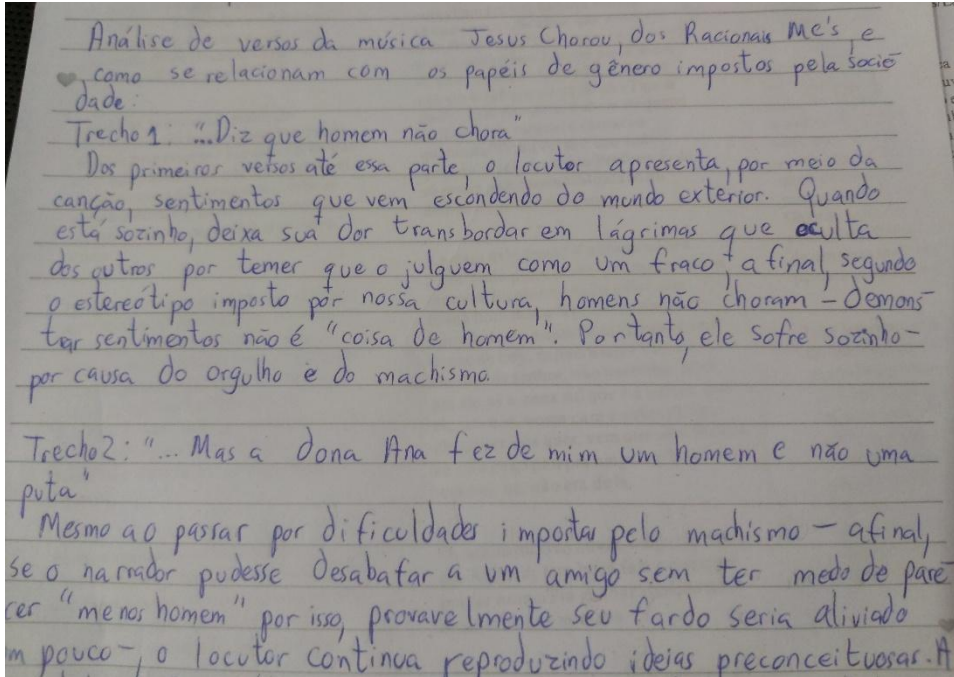


Figura 1 - redação "A" sobre Jesus Chorou

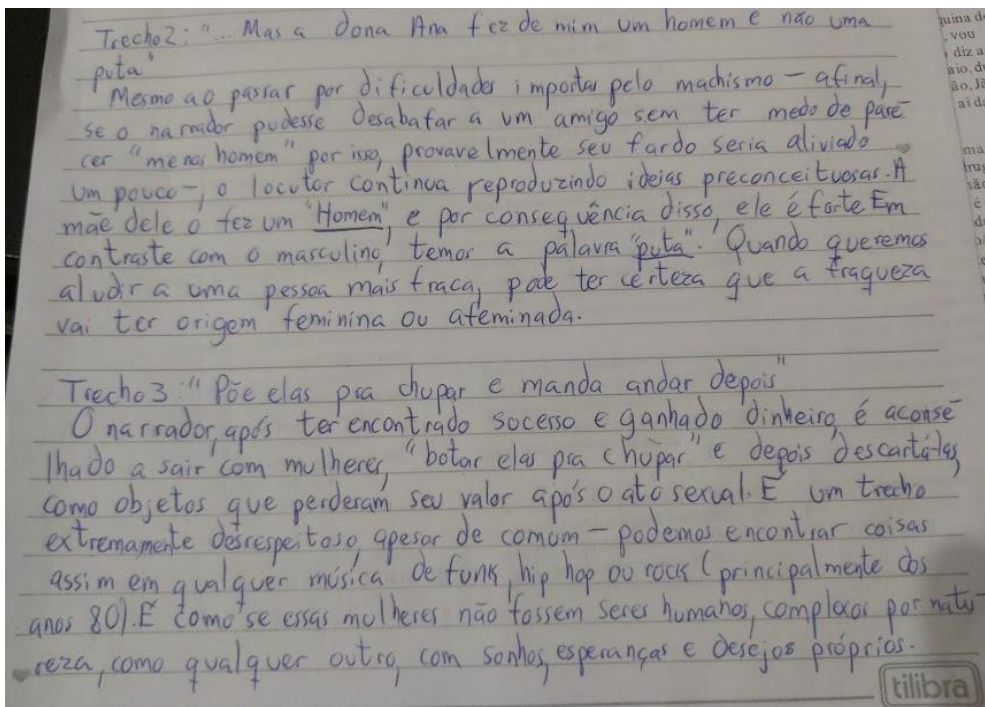


Figura 2: redação "A" sobre Jesus Chorou

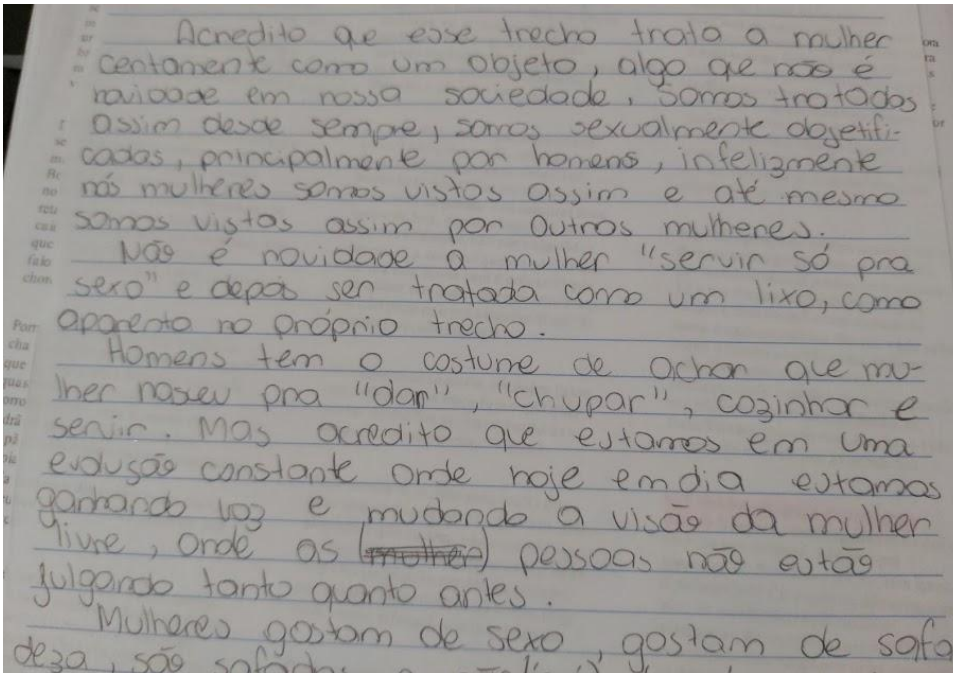


Figura 3: redação "B" sobre Jesus Chorou

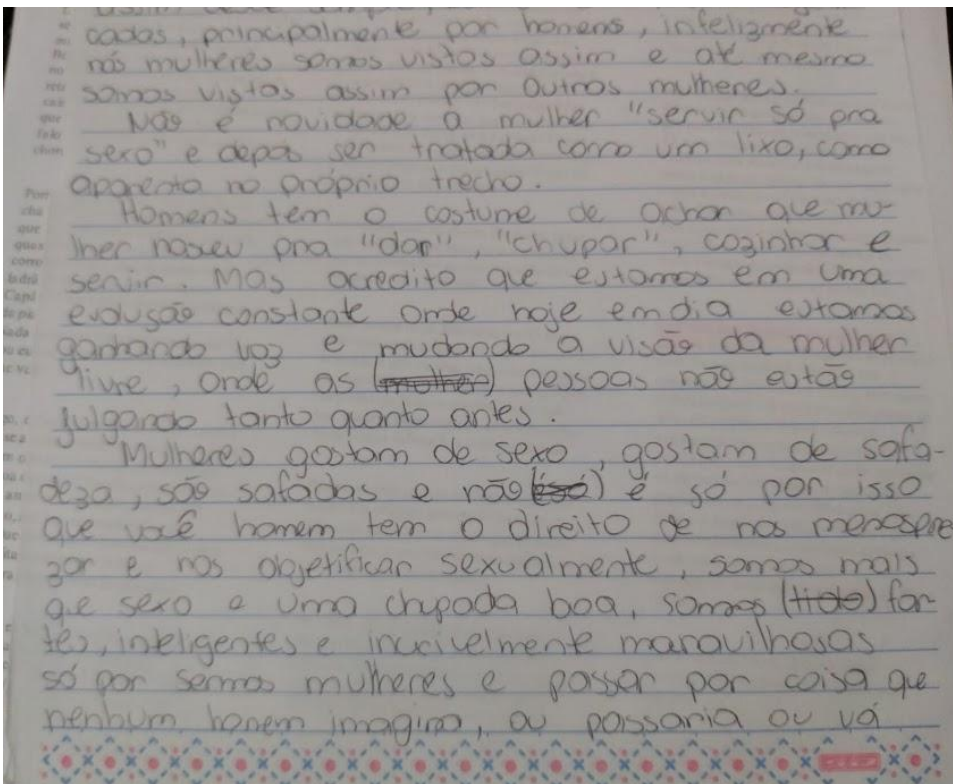


Figura 4: redação "B" sobre Jesus Chorou

Tais respostas mesclam os conceitos trabalhados na matéria com visões e vivências cotidianas que guiam a interpretação da letra e explicitam um conjunto distinto de suas práticas, crenças e valores e práticas que dissertam sobre o gênero e suas relações.

Relações essas que abrigam formas empregadas em operar na manutenção da dominação masculina: formato de violência de gênero se expressa pelos estereótipos e discriminação de papéis sociais. O que, ao ser incorporado como “valores” do feminino e masculino, formam um dos sentidos do “habitus” de Bourdieu.

Há, ainda, a percepção de que uma forma pesa preponderantemente quando pensamos no “ser homem”, como uma outra categorização que trabalha a hierarquia agora entre as diferentes formas desse “ser”: pois há o homem, de fato, que não chora, não se “vende”, não age tal qual uma “puta”. Isso é uma versão majoritária e hegemônica a essas leituras que também opera na segregação daqueles que demonstram maior sentimentalismo, menos força física, ou manifestem pouca necessidade de afirmação em relação às mulheres (ou que não tenham interesse físico por elas). Todos esses casos compõem uma espécie de grupo que deve ser subjugado por essa masculinidade central. E todo esse retrato comportamental continua sendo trajado de construções históricas, sociais e relacionais.

Há, ainda, a sentença de que homens não precisam sentir culpa por esse comportamento, uma vez que ele é alegadamente “natural” e “inegável”, algo do qual não podem fugir. O que também acaba por tornar dócil a vítima que nem mesmo se vê dessa forma, pensando em si apenas como alguém detentora de um papel secundário e complementar ao seu par, a quem deve respeitar e honrar. Essas falas recaem ao que Bourdieu (1999) chama de manifestação simbólica do poder.

Sobre a canção Estilo Cachorro:

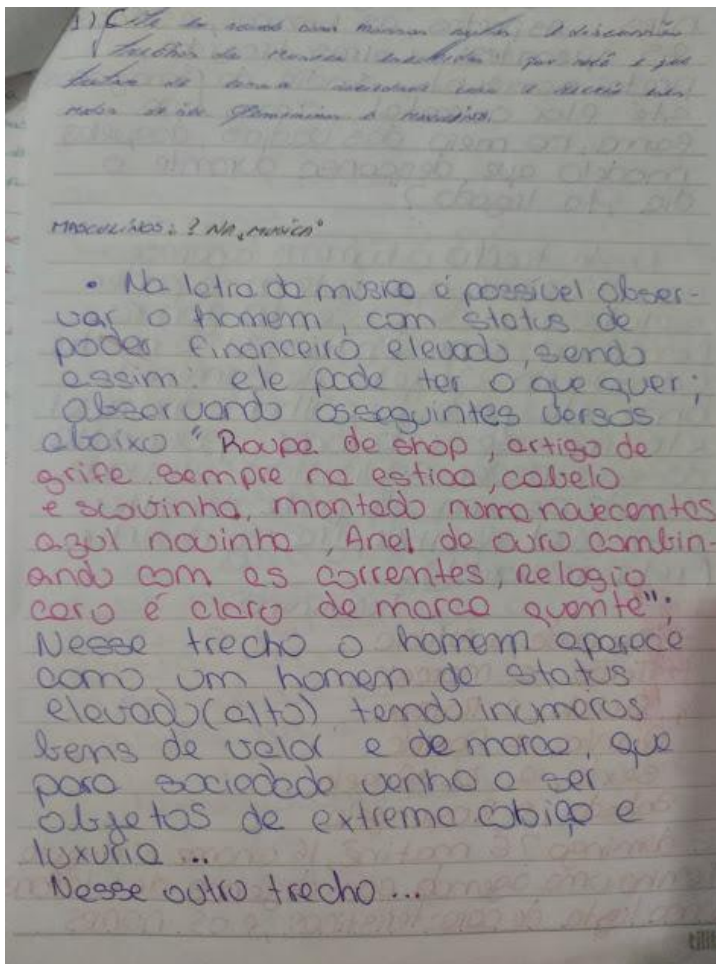


Figura 5: conjunto de Questões "A" sobre Estilo Cachorro

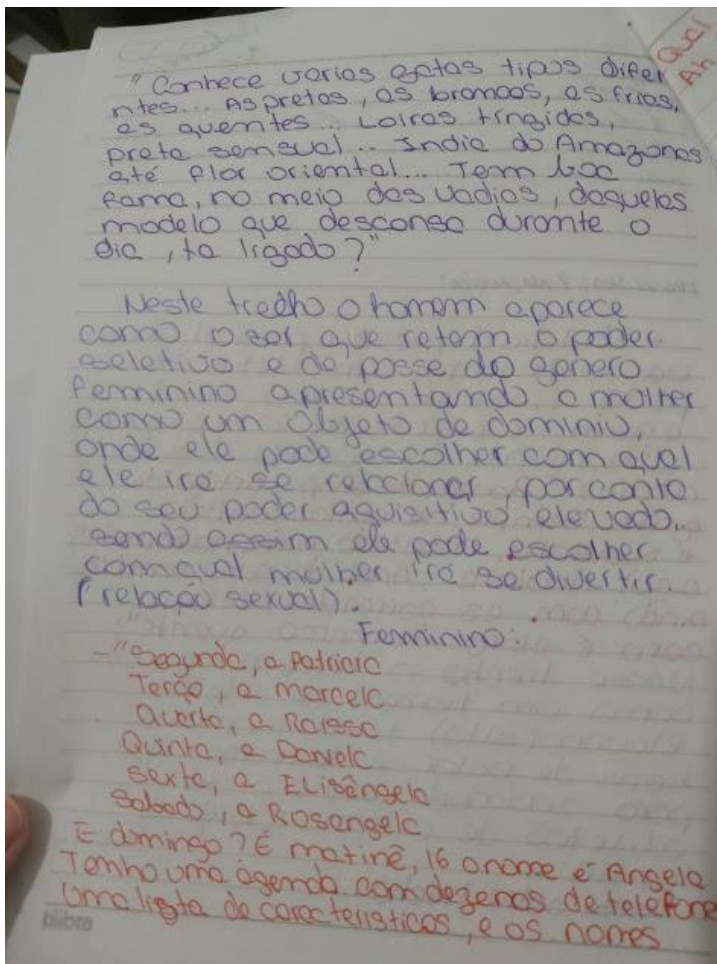


Figura 6: conjunto de Questões "A" sobre Estilo Cachorro

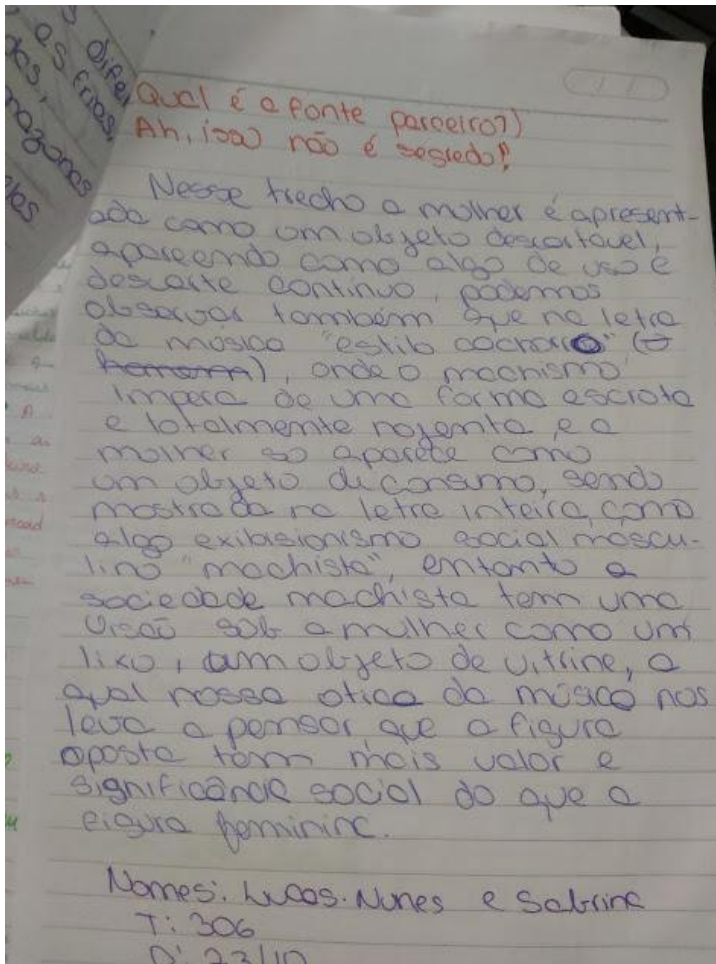


Figura 7: conjunto de Questões "A" sobre Estilo Cachorro

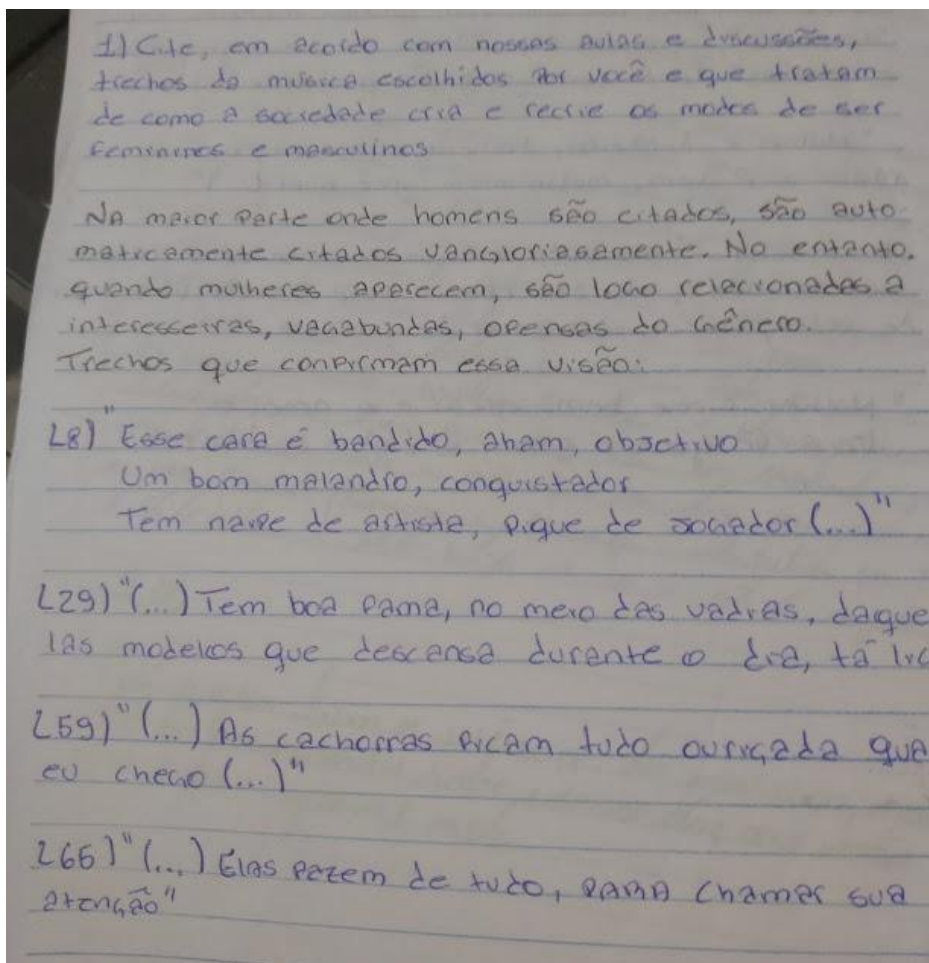


Figura 8: conjunto de Questões "B" sobre Estilo Cachorro

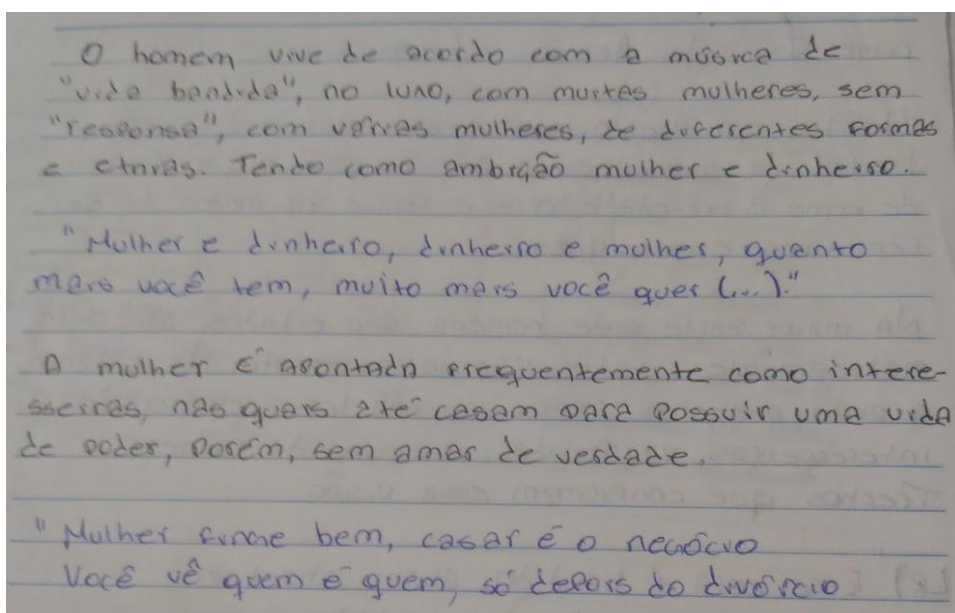


Figura 9: conjunto de Questões "C" sobre Estilo Cachorro

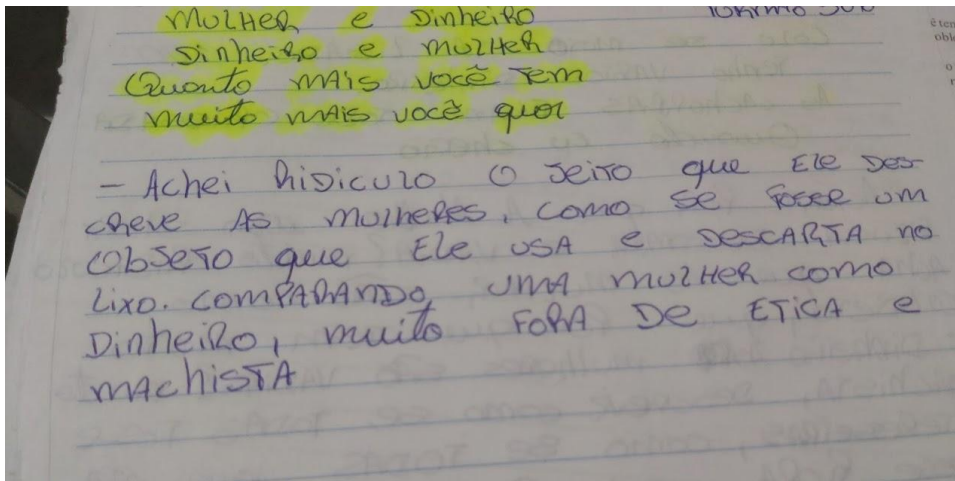


Figura 10: conjunto de Questões "D" sobre Estilo Vagabundo

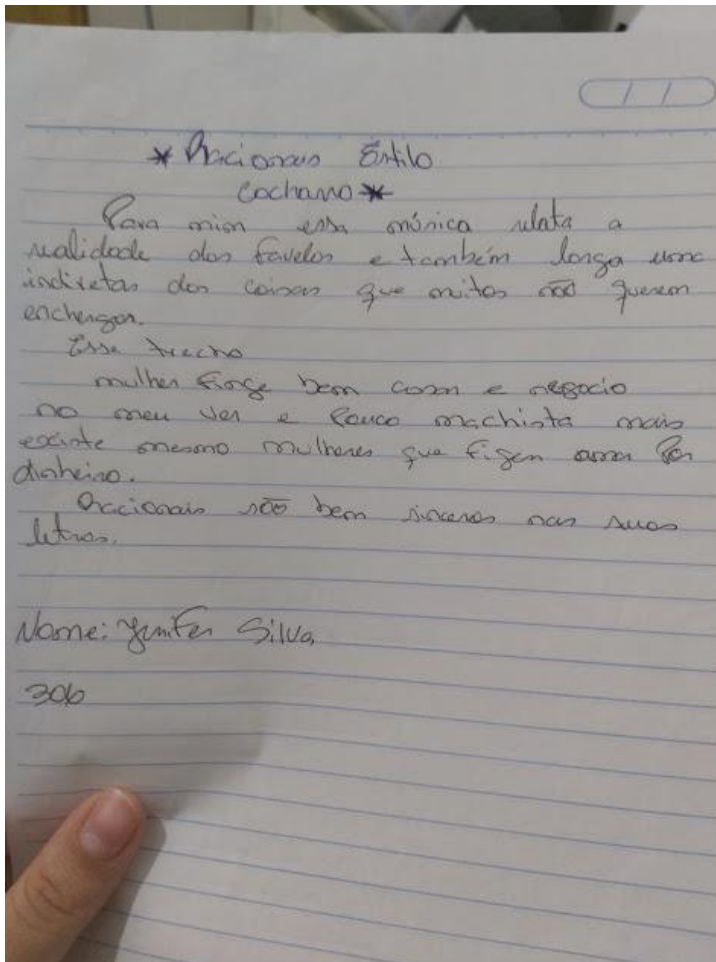


Figura 11: conjunto de Questões "E" sobre Estilo Cachorro

Para mim esta música relata a realidade dos favelados e também longa uma indireta das coisas que muitos não querem enxergar.

Esse trecho

mulher finge bem com o negócio no meu ver é pouco machista mais existe mesmo mulheres que fingen amor por dinheiro.

Occidentais são bem sinceros nas suas letras.

Figura 12: conjunto de Questões "F" sobre Estilo Cachorro

As análises dessa faixa ressaltam a sexualização, erotização e objetificação da figura feminina, colocando a categoria social "mulher" como item homogêneo e de serventia meramente exploratória. Se na outra canção ainda existia uma oposição entre a mulher "que cria" e aparece enquanto um modelo positivo, aqui toda a sua representação está arquetipicamente ligada ao sexo. Tal discurso é enxergado na maior parte dos textos como algo nocivo, preconceituoso, exagerado, mesmo que algumas respostas mencionem que esse tipo de comportamento pode ser relacionado a mulheres (ou seja, reafirma-o enquanto característica feminina e não humana).

Sobre a música 100% Feminista

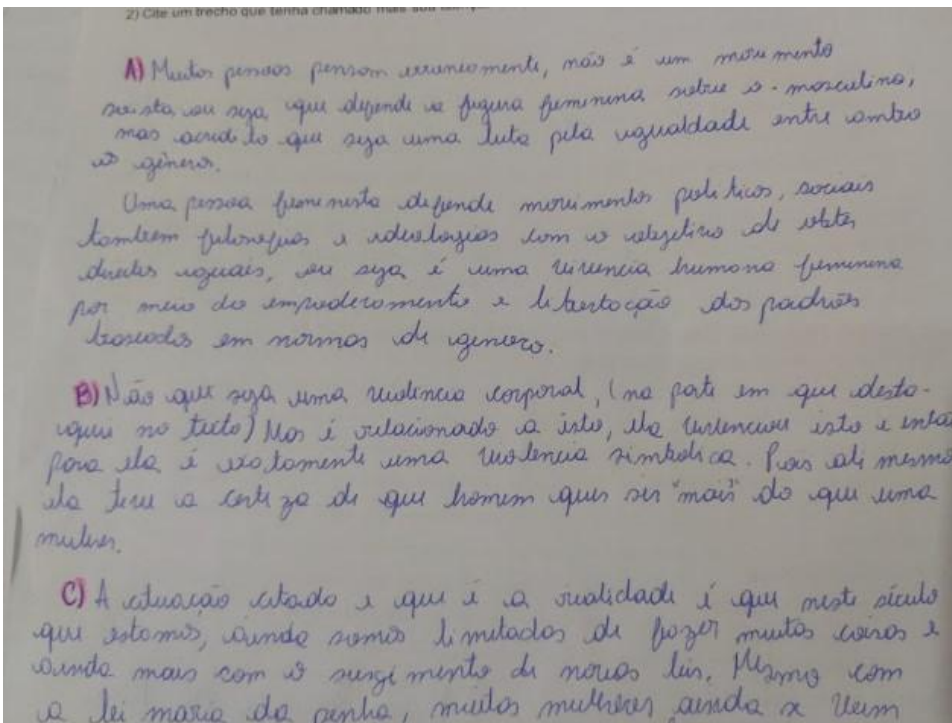


Figura 13: conjunto de Questões "A" sobre 100% Feminista

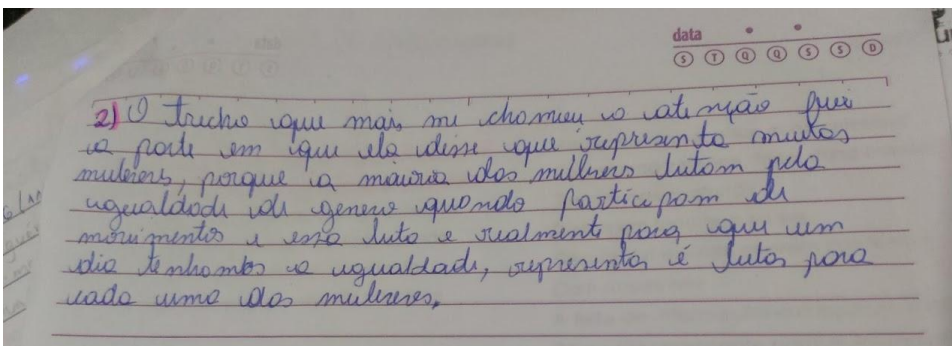


Figura 14: conjunto de Questões "A" sobre 100% Feminista

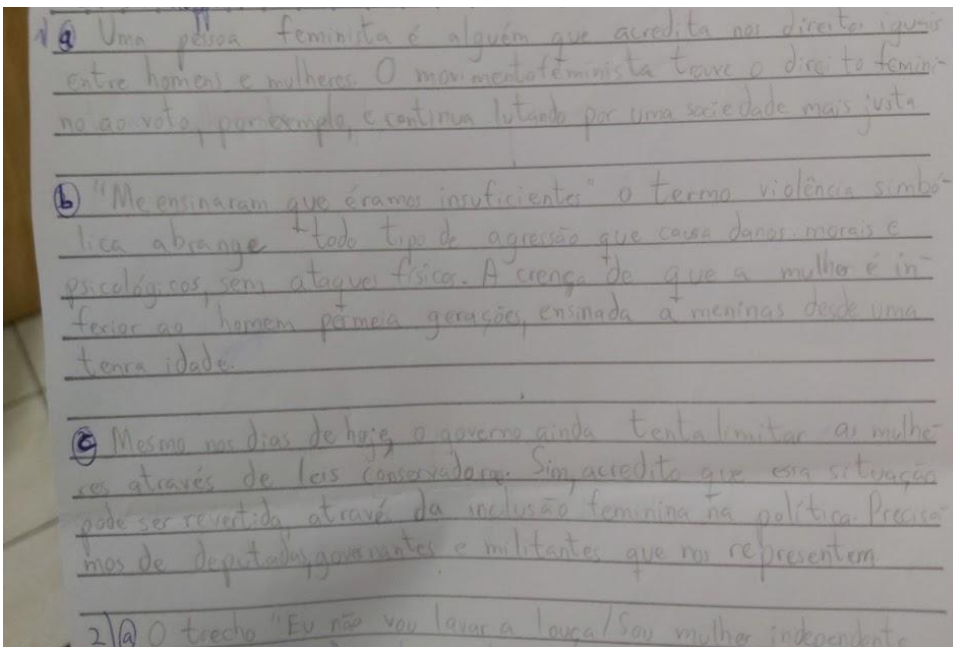


Figura 15: conjunto de Questões "B" sobre 100% Feminista

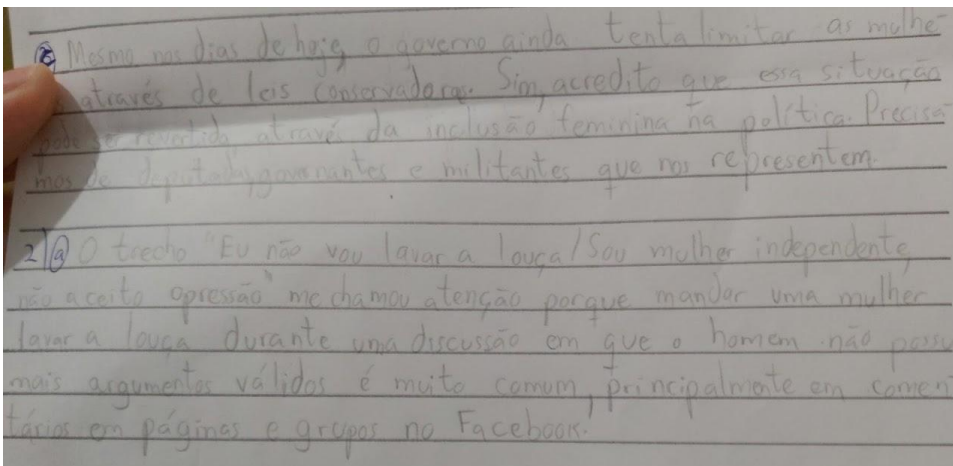


Figura 16: conjunto de Questões "B" sobre 100% Feminista

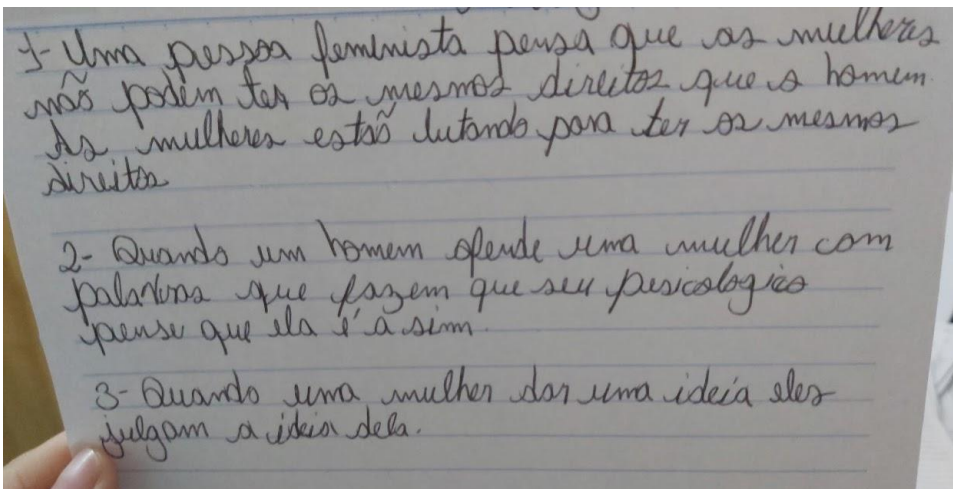


Figura 17: conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista

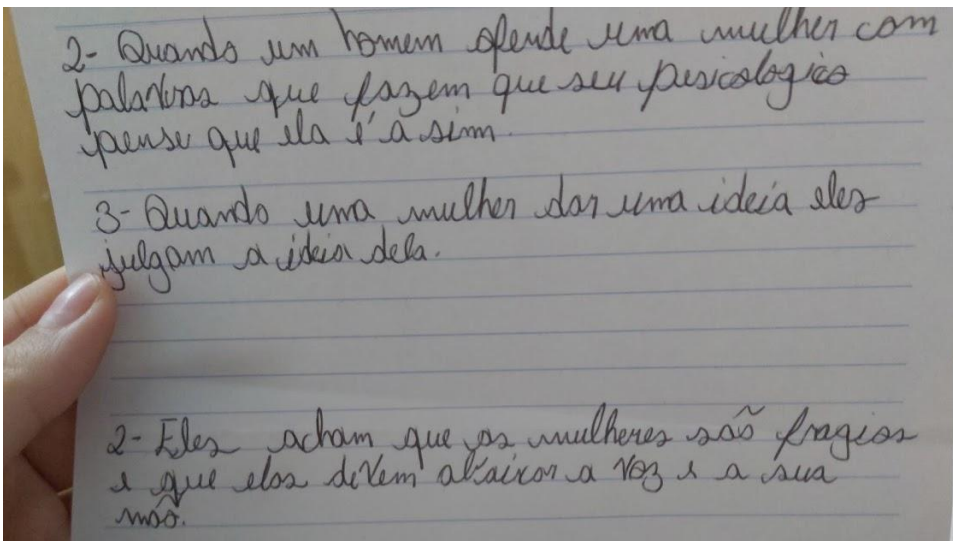


Figura 18: conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista

2- Quando um homem ofende uma mulher com palavras que fazem que seu psicológico pense que ela é a sim.

3- Quando uma mulher dar uma ideia eles julgam a ideia dela.

2- Eles acham que as mulheres são frágeis e que eles devem alçar a voz e a sua mão.

Figura 19: conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista

a) O conceito de igualdade de gênero, onde todas teriam as mesmas oportunidades e direitos.

b) "que mulher apina se não fizer venida" o trecho demonstra a violência emocional esondida nos pequenos atos, juntamente com chantagem e pressão psicológica. Já no trecho "me ensinam que eramos insubmissas" vemos o modo como somos ensinadas a ver nossa própria imagem, sem empatia. Mesmo sem o toque, ainda é agressão.

c) A situação atual da nossa sociedade é complicada. Vivemos num país misógino e machista, onde a ideia de que mulheres são menos capazes está enraizada tão profundamente, que creio ser difícil as coisas mudarem por completo. Porém, em contra partida, com o passar dos anos a humanidade evoluiu muito nesse quesito, isso me faz ter uma ponta de esperança de que talvez, nos próximos, tenhamos alguma salvação.

Figura 20: conjunto de Questões "D" sobre 100% Feminista

a) A situação atual da nossa sociedade é complexada. Um país misógino e machista, onde a ideia de que mulheres são menos capazes está enraizada tão profundamente, que creio ser difícil as coisas mudarem por completo. Porém, em contra partida, com o passar dos anos a humanidade evoluiu muito nesse quesito, isso me faz ter uma ponta de esperança de que talvez, nos mortais, tenhamos alguma salvação.

2) "Presenciei tudo isso dentro da minha família mulher com olho roxo espancada todo dia."

Pois por 11 anos vivi isso dentro de casa com minha mãe, até que resultou na morte do agressor, viúgo meu pai. Isso ainda me toca.

Figura 21: conjunto de Questões "D" sobre 100% Feminista

a violência de gênero e pela igualdade de direitos e de cargos de as mulheres na sociedade.

B) Durante muito tempo, ouvimos que o que acontecia dentro de uma família seria um problema de Estado, porque o que acontece é justamente o local em que mulheres e meninas são mais desprotegidas.

C) 1911 em Nova York, quando cerca de 130 operárias morreram carbonizadas. Sem dúvida, o incidente ocorreu em 25 de março aquele ano marcou a trajetória dos lutas feministas ao longo do século 20.

2) Presenciei tudo isso dentro da minha família, Mulher com os olhos roxos, espancada todo dia.

Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia que mulher oprimida, sem voz, obviamente quando crescer, eu vou ser diferente.

Figura 22: conjunto de Questões "E" sobre 100% Feminista

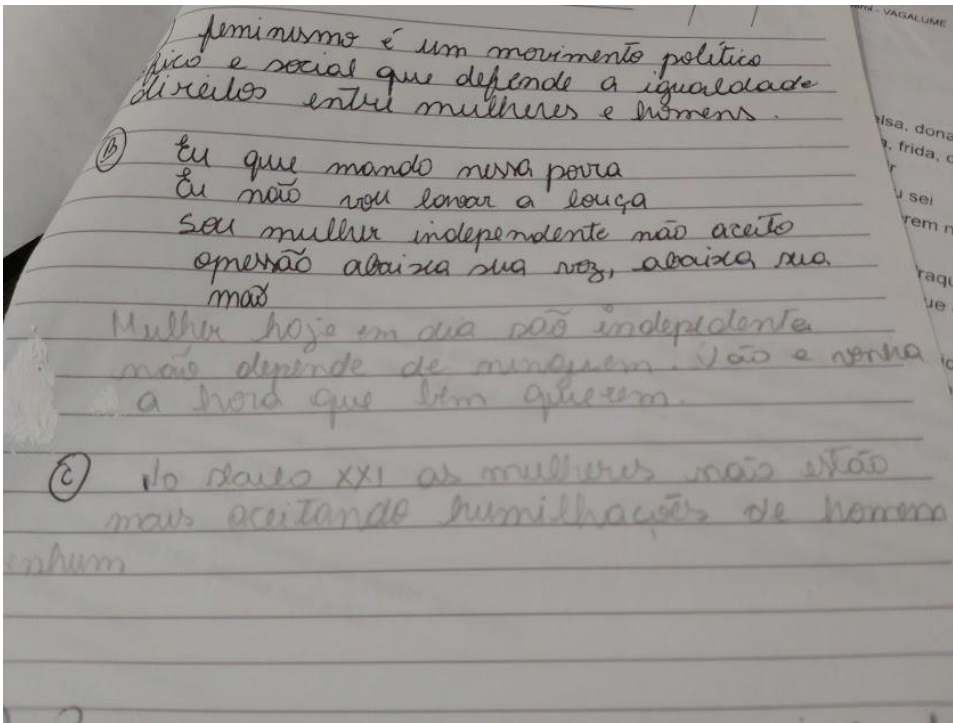


Figura 23: conjunto de Questões "F" sobre 100% Feminista

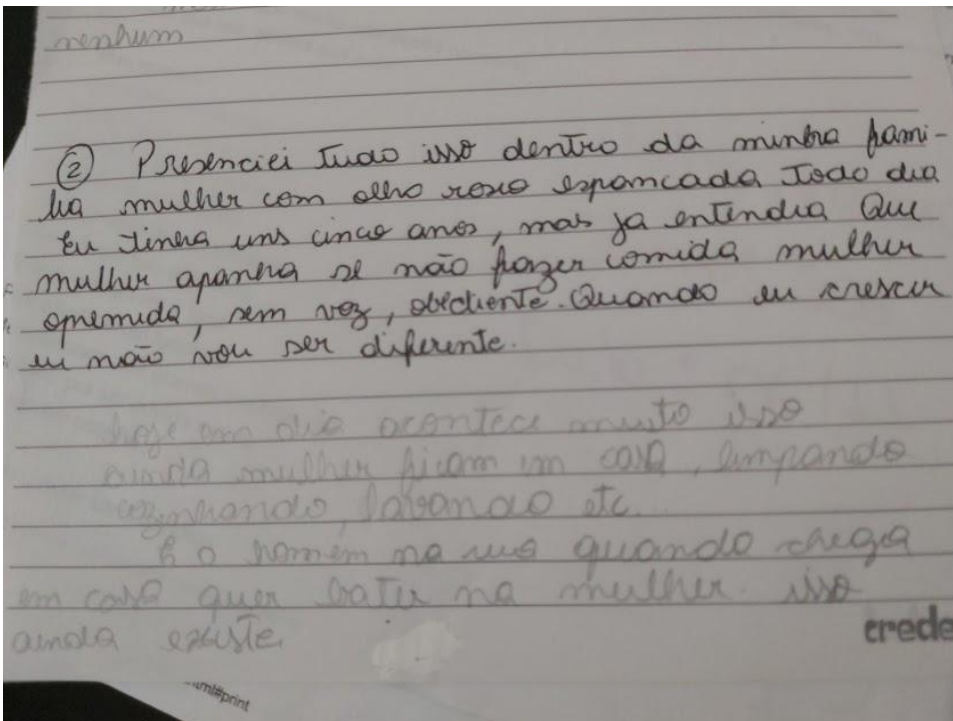


Figura 24: conjunto de Questões "F" sobre 100% Feminista

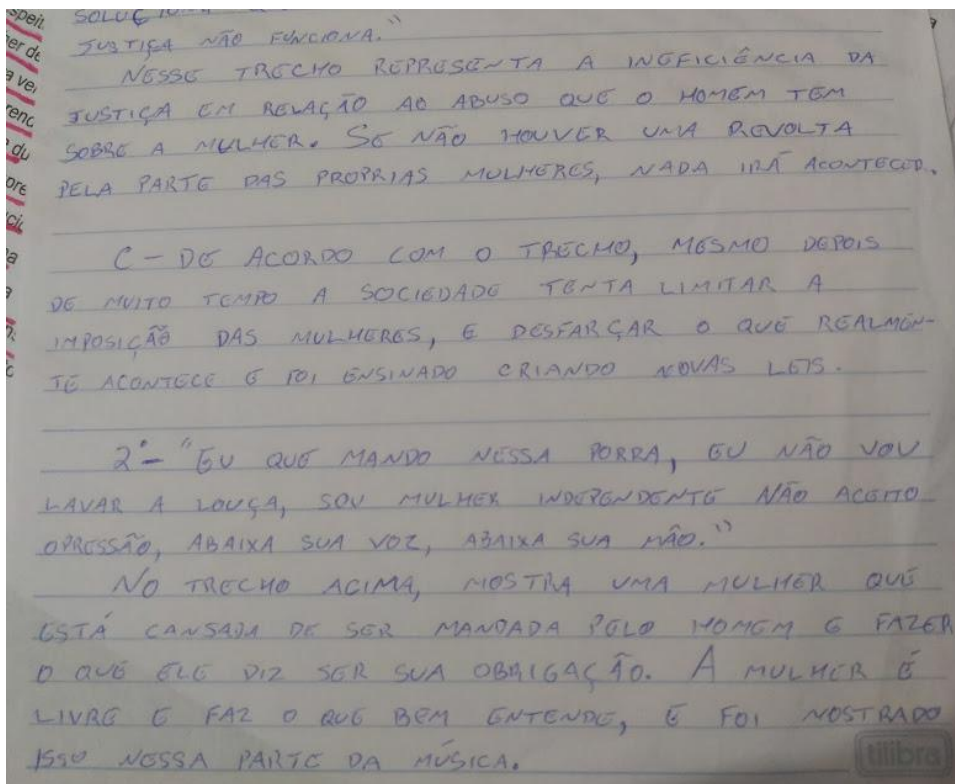


Figura 25: conjunto de Questões "C" sobre 100% Feminista

a) O trecho que destaquei é o trecho que fala sobre a violência simbólica, na qual é enraizada no inconsciente de inúmeras mulheres o trecho é "Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia que mulher aponta se não fizer comida"; Minha escolha seria pelo fato de contar presença sua infância sua própria mãe apontar por não fazer as tarefas domésticas (comida).

c) Ao observar a música notei que as leis elaboradas a partir do séc XXI são feitas por homens, e não contemplam as mulheres de forma primordial e necessária, na qual as leis tendem a ser falhas de inúmeras formas, não protegendo a integridade física/moral ocasionando lacunas, levando inúmeras mulheres ao limbo de morte, enquanto os agressores ficam impunes.

2) Escolhi o primeiro trecho, pois a cantora expressa o cotidiano vivido por ela na infância, onde ela presenciava a rotina de agressões físicas que as mulheres de sua família eram submetidas.

Figura 26: conjunto de Questões "H" sobre 100%Feminista

① A) Onde a maioria da sociedade acha que é uma pessoa que defende a figura feminina sobre o sexo oposto, a ideia seria de lutar pela igualdade de ambos gêneros.

b) Este trecho destacado, no qual fala sobre a violência simbólica, onde é enraizada no inconsciente de inúmeras mulheres. Minha escolha foi pelo fato de contar ter presenciado desde sua infância sua própria mãe apontar por não fazer as tarefas domésticas.

Figura 27: conjunto de Questões "I" sobre 100% Feminista

1) Ao ler a música, notei que as leis elaboradas a partir do séc XXI são feitas por homens, e não contemplam as mulheres de forma primordial, onde as leis são falhas de inúmeras formas, não protegem a integridade física, ocasionando lesões, levando inúmeras mulheres ao leito de morte, enquanto aos agressores ficam impunes.

2) O último trecho me chamou atenção pois é onde ele cite outras mulheres, além de sua própria versão, na qual essa situação acontece com muitas mulheres.

Figura 28: conjunto de Questões "I" sobre 100% Feminista

A) O feminismo é um movimento social organizado que procura construir condições de igualdade entre os gêneros, defende a igualdade de gênero.

B) Apesar da música, que destaquei foi porque acho isso que fala no trecho errado, pois as mulheres não podemos se opor em frente de qualquer situação.

Figura 29: conjunto de Questões "J" sobre 100% Feminista

c) Eu acho que ninguém pode ficar mes limitando pois essas leis só prejudicam e não fazem uma lei correta que mes proteja.

2- Desde pequenas aprendemos que o silêncio não educa.

o Esse trecho me chamou atenção porque desde crianças elas sabem que é o correto que nada adianta ficar calada.

Figura 30: conjunto de Questões "J" sobre 100% Feminista

a) é um movimento político, Defende o Direito dos Homens e das Mulheres.

B) Mulher com olho roxo, espancada todo dia.
eu escolhi esse trecho porque ele mostra muita violência contra Mulher, geralmente elas são agredidas no rosto.

c) As mulheres do século XXI estão cada vez até mais agressivas que os homens não estão mais aceitando ser espancadas ou deixando eles serem seu dono e tão tomando as suas próprias atitudes como se defendem.

Figura 31: conjunto de Questões "K" sobre 100% Feminista

B) Mulher com olho roxo, espancada todo dia. Eu escolhi esse trecho porque ele mostra muita violência contra mulher, geralmente elas são agredidas no rosto.

C) As mulheres do século XXI estão cada vez até mais agressivas que os homens não estão mais aceitando ser espancadas ou deixando eles quer ser seu dono e tão tomando a suas próprias atitudes como se defender em forma violenta ou indo numa delegacia fazer um boletim pedindo a medida protetiva.

Figura 32: conjunto de Questões “K” sobre 100% Feminista

A) Significa dizer mulheres que ainda acreditam ser necessário mudanças na legislação do gênero feminino, por exemplo.

B) Que silêncio não soluciona que a mulher ~~em~~ vem à tona

Figura 33: conjunto de Questões “L” sobre 100% Feminista

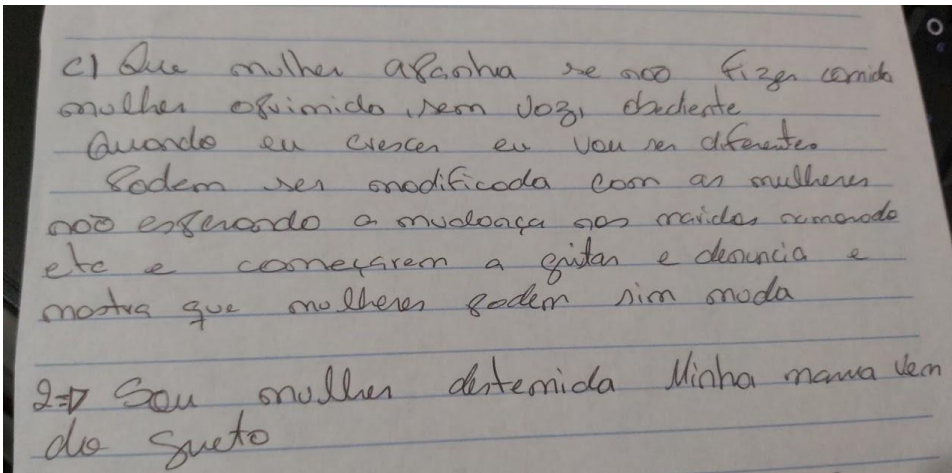


Figura 34: conjunto de Questões “L” sobre 100% Feminista

A última faixa, analisada por ambas as turmas, trouxe as respostas mais emblemáticas. De acordo com as discussões posteriores em grupo, as duas turmas alegaram que um relato em primeira pessoa de duas vítimas (tal qual invocado pelo eu lírico da canção) era chocante.

Muitas das respostas denotam o silenciamento como uma forma de violência tão ou mais efetiva que a violência física propriamente dita, inclusive revelam o conceito de violência simbólica e sua importância nesse contexto (enquanto instrumento de dominação tanto na vida política ou privada) e definem a dominação masculina enquanto um exercício proibitivo da existência plena daqueles indivíduos denominados em quaisquer outras formas de existir que não a do ser “homem”. Um sistema de valores capaz de coagir não só pela força em termos físicos, mas pela violência psicológica, pelas narrativas difundidas no dia a dia dos indivíduos que se cristalizam em uma vivência moral, fazendo com que a mulher ou os homens que não preenchem as características da masculinidade hegemônica, ou ainda indivíduos que não são se projetam dentro da binariedade, “saibam seus lugares” sem que qualquer norma escrita ou pressão legal seja necessária. Os comentários, os olhares bastam. Uma demarcação imposta, onde contornos são delineados mediante o uso de recursos simbólicos que, na maioria dos casos, transcendem a linguagem explícita ou falada. Em consequência, as mulheres sentem que sua adesão e “conformação”

silenciosa aos modos de ação no interior desses grupos nada mais é do que um modo de contribuir para a reprodução dos mesmos.

Parte das respostas traz a ideia de que as letras das músicas escutadas fortalecem a reprodução dos modelos patriarcais no contexto social onde esses jovens estão inseridos.

5 CONCLUSÃO

As colocações dos estudantes reforçam a visão de que a sociedade é, sim, patriarcal, machista, e conseqüentemente, misógina. E que isso atravessa diversas esferas sociais, inclusive a do nosso consumo cultural. Filmes, músicas, imagens diversas pela Internet e afins que explicitam como essas relações de poder são expressadas de forma simbólica e tomam materialidade, principalmente quando associadas a outros marcadores sociais como raça e classe, o que multiplica e traz mais complexidade para a análise.

Este trabalho teve sua primeira etapa enquanto uma forma de intervenção pedagógica que, em um segundo momento, ao realizar o levantamento e conseqüente debate de questões de gênero, fez emergir relatos e narrativas sobre como formas de violência simbólica ligadas a esta pauta são vistas pelos jovens na narrativa musical que acompanha suas trajetórias.

É preciso problematizar sobre os modelos socialmente comportamentais impostos que acabam sendo expressos por vias midiáticas, que reafirmam esses padrões sociais de comportamento, considerando sua aceitabilidade pelo público e distribuição massiva.

Destaca-se também a importância da ferramenta utilizada para a problematização do tema: a música demonstrou ser uma forma razoável de mediar o encontro entre a teoria sociológica e o aluno do ensino médio que, embora ainda não “iniciado” à disciplina, é capaz de refletir sobre sua realidade, quando orientado para tal. Fazer com que busquem questionar e também compreender as relações e instituições que os rodeiam

transforma o objetivo em algo menos distante à medida que a relação de ensino-aprendizagem parte de um diálogo ao invés de um monólogo.

A importância de abordar o tema se justifica nas produções dos estudantes, que apontam a construção de suas percepções do tema ao longo da vida e suas intersecções com outros marcadores sociais, exibindo tais pautas como expressão culturalista e histórica das diferenciações. É necessário pensar e compreender sobre o masculino, o feminino e tudo aquilo que existe, mas não cabe em suas limitadas formulações como algo que não é baseado nas diferenciações biológicas dos corpos, e sim nas diversas interpretações que essas podem receber de acordo com seu lugar no tempo e no espaço.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo I: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. O Segundo Sexo II: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999.

_____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997a.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra - 43o Edição

_____. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROUX, HENRI. Fugitive cultures - race, violence & youth New York & London: Routledge, 1996

_____. Deixando pra lá: juventude fronteira e educação pósmoderna. Revista da FAGED, n.16, p.101-127, jul./dez. 2009

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. Educação e Realidade. Vol.20 (2), jul/dez. 1995a.

MICHAUD, Y. *A violência*. Tradução L. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1989.

POSTALI, Thífani. (2011). Blues e hip hop: Uma perspectiva folkcomunicacional. Jundiaí, SP: Uniso/Paco Editorial.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências Humanas e suas tecnologias. Volume 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006

ANEXOS

Músicas utilizadas nas análises em aula:

100% Feminista (part. Karol Conká)

Mc Carol Bandida

Presenciei tudo isso dentro da minha família
 Mulher com olho roxo espancada todo dia
 Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
 Que mulher apanha se não fizer comida
 Mulher oprimida, sem voz, obediente
 Quando eu crescer eu vou ser diferente

Eu cresci, prazer Carol bandida
 Represento as mulheres, 100 por cento feminista
 Eu cresci, prazer Carol bandida
 Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Represento Aqualtune, represento Carolina
 Represento Dandara e Xica da silva
 Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
 Forte, autoritária
 E às vezes frágil, eu assumo
 Minha fragilidade não diminui minha força
 Eu que mando nessa porra
 Eu não vou lavar a louça
 Sou mulher independente não aceito opressão
 Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito
Sou mulher destemida
Minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso
Então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos
Que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona
Pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida o grito
Tem que ser potente

Eu cresci, prazer Karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer Karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Represento Nina, Elsa, Dona Celestina
Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
Tentam nos confundir
Distorcem tudo que eu sei
Século XXI e ainda querem nos limitar
Com novas leis
A falta de informação enfraquece a mente
Tô no mar crescente porque eu faço diferente

Eu cresci, prazer Carol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer Karol bandida

Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer Carol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer Karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Estilo Cachorro

Racionais Mc's

[Edi Rock]:

Conheço um cara que é da noite, da madrugada
Que curte varias fitas, várias baladas
Ele gosta de viver, e viajar
Sem medo de morrer, sem medo de arriscar
Não atira no escuro, um cara ligeiro
Faz um corre aqui ali
Sempre atrás de dinheiro
"Ah, jogar pra perder parceiro não é comigo óh"
Esse cara é bandido, aham, objetivo
Um bom malandro, conquistador
Tem naipe de artista, pique de jogador
Impressiona no estilo de patife
Roupa de shopping, artigo de grife
Sempre na estica, cabelo escovinha
Montado numa noventa e nove azul novinha
Anel de ouro combinando com as correntes
Relógio caro é claro, de marca quente
Anda só no sossego, sem muita pressa

Relaxa a mente, se não estressa
No momento que interessa, ele já tem
Uma Kawasaki, e liberdade meu bem
O que esse cara tem sangue bom,
Os invejosos eu escuto
Moto, dinheiro, vagabundo fica puto
Ah isso não é justo oh, e os irmão
Uma fatia do bolo, se orienta doidão
Conhece várias gatas, tipos diferentes
As pretas, as brancas, as frias, as quentes
Loira tingida, preta sensual
Índia do Amazonas até flor oriental
Tem boa fama, no meio das vadias
Daquelas modelo que descansa durante o dia,
tá ligado ?
Tem seus critérios, tem sua lei
Montou naquela garupa já foi que eu sei
No Motel ou em casa ?
"Ah vamos na sua!"
De Caranga no Drive-in no H.O.
Ou à luz da lua
Segundas intenções, elementar
As camisinhas tão no bolso e a maldade no olhar,
Sabe chegar, sim, sabe sair
Sabe ser notado e cogitado aonde ir
Pra conseguir aquilo o que sempre quer
Utiliza a mesma arma que você, mulher

[Refrão]:

Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher,
Quanto mais você tem muito mais você quer,

Mesmo que isso um dia, traga problema,
Viver na solidão, não, não vale a pena
Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher,
Sem os dois eu não vivo qual dos dois você quer,
Mesmo que isso um dia, traga problema,
Ir pra cama sozinho, não vira esquema

[Ice Blue]:

- Segunda ?
- A Patricia
- Terça ?
- A Marcela
- Quarta ?
- A Raíssa
- Quinta ?
- A Daniella
- Sexta ?
- A Elisângela
- Sábado ?
- A Rosângela
- E domingo ?
- É matinê 16, o nome é Ângela

Tenho uma agenda com dezenas de telefones

Um lista de características, e os nomes

Qual é a fonte parceiro

Ah, isso não é segredo

Colo de moto tá ligado?

Tenho dinheiro

As cachorras ficam tudo ouriçada quando eu chego

Eu ponho pânico, peço Champagne no gelo
Aquele balde prateado, em cima da mesa
Dá o clima da noite, uma caixa de surpresa
Fico ali olhando sentado filmando
Só maldade pra lá e pra cá, desfilando
Elas fazem de tudo, pra chamar sua atenção
Para, taca na cara, na pretensão
Cola de calça apertada, boca de sino
De blusa decotada perfumada e sorrindo
Me pede um isqueiro e oferece um Cigarro
- Oi você tem fogo?
- Oh, mais é claro
Qual é o seu nome
- Meu nome é Viviane
Mas pra você sou Vi, tá aqui meu telefone
- 5892 esse prefixo é lá da Sul
prazer meu nome é Paulo aí, vulgo Ice Blue
- De que lugar que você é
- Moro no Vaz de Lima
Conhece o Maraca então, ali pra cima
Isso até rima coincidência na pista
Vai montar na minha garupa e "hasta la vista"

[Refrão]:

Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher,
Quanto mais você tem muito mais você quer,
Mesmo que isso um dia, traga problema,
Viver sem ninguém, não tem esquema
Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher,
Sem os dois eu não vivo qual dos dois você quer,
Mesmo que isso um dia, traga problema,

Viver na solidão não vale a pena.

[Mano Brown]:

Au au, estilo cachorro

Au au au au

Não é machismo!

Fale o que quiser, o que é é
Verme ou sangue bom, tanto faz pra mulher
Não importa de onde vem nem pra que
Se o que ela quer mesmo é sensação de poder
Com um ladrão fez rolê se envolveu sei lá saiu
Mas ou menos em abril curtiu quem viu, viu
Em Maio foi vista de Rr a mil
Na Br no frio, com boyzão da Civil, viu
Uns e outros aí bom rapaz
Abre o coração e sofre de mais
Conversa com os pais ali no sofá da sala
Ouve e dá razão enquanto ela fala
E fala, cai no canto da sereia
Vê que ele é firmão igual um prego na areia
Prego, jogou o égo, dentro de um buraco
Um Bom Vivant jámais, mostra o ponto fraco
Pergunte a Sansão quem foi Dalila
Ouça o sangue-bom Martinho da Vila
De vários amores, de todas as cores
De vários tamanhos, de vários sabores
Quanto mais tem, mais vem se tem maravilha
Bmg, Morango e Baunilha
Não é por nada, sem debate, sem intriga
Minha cara, é um Chocolate, humm, é o que liga

Mas acabou, acabou sem tchau, nem bilhete
Seu pai se mata por amor ao sorvete
E ele tava impunga
Pra leva-la no trampo lá na Barra Funda
10 graus, cinco da manhã sem problema
Se ela não morasse em Diadema
Pontual como o big-baing 4 ano assim
Nem Sheakspeare, imaginaria o fim
Te trocou por 1 vadio, sem vergonha
Que vende até a mãe quando acaba a maconha
E ela diz que é feliz, que ele é cabuloso
Eu sei, pisa pra caralho moscão pegajoso
Mulher finge bem, casar é negócio
Você vê quem é quem, só depois do divorcio
Hey, hey neném de amor eu não morro
Vocês consagraram o estilo cachorro.

Jesus Chorou

Racionais Mc's

O que é, o que é?
Clara e salgada
Cabe em um olho
E Pesa uma tonelada

Tem sabor de mar
Pode ser discreta
Inquilina da dor
Morada predileta

Na calada ela vem
Refém da vingança
Irmã do desespero
Rival da esperança

Pode ser causada por
Vermes e mundanas
E o espinho da flor
Cruel que você ama

Amante do drama
Vem pra minha cama, por querer
Sem me perguntar, me fez sofrer

E eu que me julguei forte
E eu que me senti
Serei um fraco quando outras delas vir

Se o barato é louco e o processo é lento
No momento, deixa eu caminhar contra o vento

O que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não, ele é suave, mas é frio e implacável

(É quente)
Borrou a letra triste do poeta
(Só)
Correu no rosto pardo do profeta

Verme, sai da reta
A lágrima de um homem vai cair
Esse é o seu B.O. pra eternidade

Diz que homem não chora
Tá bom, falou
Não vai pra grupo irmão
Aí, Jesus chorou

Porra, vagabundo
Ó, vou te falar
Tô chapando
Eita, mundo bom de acabar!

O que fazer quando a fortaleza tremeu
E quase tudo ao seu redor

Melhor, se corrompeu?

Epa, pera lá! Muita calma, ladrão
 Cadê o espírito imortal do Capão?
 Lave o rosto nas águas sagradas da pia
 Nada como um dia após o outro dia?

Que?

Quem sou eu, seu lado direito
 Tá abalado? Por que veio?
 Nego, é desse jeito!?

Durmo mal, sonho quase a noite inteira
 Acordo tenso, tonto e com olheira
 Na mente, sensação de mágoa e rancor
 Uma fita me abalou na noite anterior

Alô!

Aí! Dorme, hein, doidão! Mil fita acontecendo e cê aí?
 Que horas são?
 Meio dia e vinte, ó
 A fita é o seguinte, ó
 Não é esqueirando não, ó
 Fita de mil grau.
 Ontem eu tava ali de Cb, no pião
 Com um truta firmeção
 Cê tem que conhecer
 Se pã, cê liga ele
 Vai saber, de repente
 Ele fazia até um rap num passado recente.
 Aham.
 vai vendo a fita
 Cê não acredita
 Quando tem que ser, é, jão. Pres'tenção
 Vai vendo, parei pra fumar um de remédio
 Com uns moleque lá e pá, trafica nos prédios
 Um que chegou depois, pediu pra dar uns 2
 Logo um patrício, ó, novão e os carai
 Fumaça vai, fumaça vem
 ele chapou o coco
 Se abriu que nem uma flor, ficou louco
 Tava eu mais dois truta e uma mina
 Num Tempra prata show filmado, ouvindo Guina
 Ih, o bico se atacou, ó! Falou uma pá do cê
 Tipo o que?

Esse Brown aí é cheio de querer ser
 Deixa ele moscar, vir cantar na quebrada
 Vamo ver se é isso tudo quando ver as quadrada
 Periferia nada, só pensa nele mesmo
 Montado no dinheiro e cês aí no veneno?
 E a cara dele, truta?
 Cada um no seu corre
 Tudo pelas verde
 Uns matam, outros morrem
 Eu mesmo, se eu catar, a boa numa hora dessa
 Vou me destacar pro outro lado depressa
 Vou comprar uma house de boy, depois alugo
 Vão me chamar de senhor, não por vulgo
 Mas pra ele só a Zona Sul que é a pá
 Diz que ele tira nós, nossa cara é cobrar
 O que ele quiser nós quer, vem que tem
 Porque eu não pago pau pra ninguém.?
 E eu, só registrei, né? Não era de lá
 Os mano tudo só ouviu, ninguém falou um A
 Quem tem boca fala o que quer pra ter nome
 Pra ganhar atenção das mulher e/ou dos homem
 Amo minha raça, luto pela cor
 O que quer que eu faça é por nós, por amor
 Não entende o que eu sou, não entende o que eu faço
 Não entende a dor e as lágrimas do palhaço

Mundo em decomposição por um triz
 Transforma um irmão meu num verme infeliz
 E a minha mãe diz:
 Paulo, acorda! Pensa no futuro que isso é ilusão
 Os próprio preto não tá nem aí com isso não
 Ó o tanto que eu sofri, o que eu sou, o que eu fui
 A inveja mata um, tem muita gente ruim.
 Pô, mãe! Não fala assim que eu nem durmo
 Meu amor pela senhora já não cabe em Saturno.

Dinheiro é bom
 Quero, sim, se essa é a pergunta
 Mas a dona Ana fez de mim um homem e não uma puta!

Ei, você, seja lá quem for
Pra semente eu não vim
Então, sem terror

Inimigo invisível, Judas incolor
Perseguido eu já nasci, demorou

Apenas por 30 moeda o irmão corrompeu
Atire a primeira pedra quem tem rastro meu

Cadê meu sorriso? Onde tá? Quem roubou?
Humanidade é má e até Jesus chorou
Lágrimas, lágrimas
Jesus chorou

Vermelho e azul, hotel
Pisca só no cinza escuro do céu

Chuva cai lá fora e aumenta o ritmo
Sozinho, eu sou agora o meu inimigo íntimo

Lembranças más vêm, pensamentos bons vai
Me ajude, sozinho eu penso merda pra carai

Gente que acredito, gosto e admiro
Brigava por justiça e paz, levou tiro
Malcolm X, Ghandi, Lennon, Marvin Gaye
Che Guevara, 2pac, Bob Marley
E o evangélico Martin Luther King

Lembrei de um truta meu falar assim:
Não joga pérolas aos porco, irmão, joga lavagem
Eles prefere assim, cê tem de usar piolhagem!

Cristo que morreu por milhões
Mas só andou com apenas 12 e um fraquejou

Periferia: corpos vazios e sem ética
Lotam os pagode, rumo à cadeira elétrica

Eu sei, você sabe o que é frustração
Máquina de fazer vilão

Eu penso mil fita, vou enlouquecer
E o piolho diz assim quando me vê:
Famoso pra carai, durão! Ih, truta!
Faz seu mundo, não, jão! A vida é curta
Só modelo por aí dando boi
Põe elas pra chupar e manda andar depois
Rasgar as madrugadas só de mil e cem
Se sou eu, truta, tem pra ninguém!
Zé povinho é o cão, tem esses defeito
Quê? Cê tendo ou não, cresce os olhos de qualquer jeito
Cruzar, cê arrebenta
De repente, vai, de ponto quarenta
Só querer, tá no pente

Se só de pensar em matar, já matou
Eu prefiro ouvir o pastor

Filho meu, não inveje o homem violento
E nem siga nenhum dos seus caminhos?

Lágrimas

Molha a medalha de um vencedor
Chora agora, ri depois
Aí, Jesus chorou

Lágrimas